



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Felipe dos Santos Teixeira

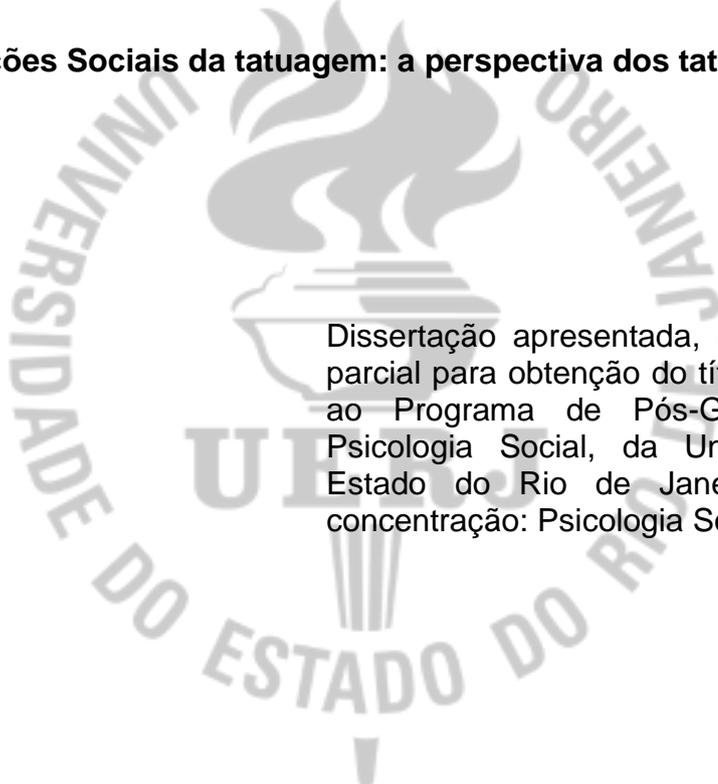
Representações Sociais da tatuagem: a perspectiva dos tatuadores

Rio de Janeiro

2024

Felipe dos Santos Teixeira

Representações Sociais da tatuagem: a perspectiva dos tatuadores



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Vieiralves de Castro

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

T266 Teixeira, Felipe dos Santos.
Representações sociais da tatuagem: a perspectiva dos tatuadores /
Felipe dos Santos Teixeira. – 2024.
99 f.

Orientador: Ricardo Vialves de Castro.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Representações sociais – Teses. 3
Tatuagem – Teses. I. Castro, Ricardo Vialves de. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

br CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Felipe dos Santos Teixeira

Representações sociais da Tatuagem: a perspectiva dos tatuadores

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Vialves de Castro (Orientador)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Anderson Pereira Mendonça
Instituto de Psicologia - UERJ

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Ricardo Vieiralves de Castro por todo o suporte, orientações, conversas e conhecimentos compartilhados ao longo deste processo, fomentando meu desejo na busca de ampliar meu conhecimento.

Aos professores Ingrid Gianordoli-Nascimento e Anderson Mendonça por aceitarem o convite para integrar a banca e contribuir com seus notáveis conhecimentos para esta dissertação.

Aos meus pais e meu irmão, que sempre me apoiaram e proporcionaram todo o suporte ao longo de toda a minha vida e também durante esta jornada acadêmica. Amo vocês!

À minha namorada e companheira Agatha, que está ao meu lado nos melhores e piores momentos, compartilhando amor, sabedoria e amizade. Você foi uma pessoa fundamental nesse processo. Te amo!

A todos os meus amigos que sempre estão comigo, agradeço por tudo. Alex, Alexandre, Gabriel, Isabella, Isabelle, Jhuan, Lucas A., Lucas D., Rafael, Tamara, Victor Hugo, Zinho e muitos outros que estiveram por perto e me apoiaram, o meu sincero obrigado.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação, com os quais tive o prazer de conhecer e trocar ao longo desses últimos anos, e que sempre se mostraram disponíveis, em especial: Lidiane, Jefferson, Allan, Vanessa e Nilza. Muito obrigado por tudo!

À toda equipe do LABORE.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ.

RESUMO

TEIXEIRA, Felipe dos Santos. *Representações Sociais da tatuagem: a perspectiva dos tatuadores*. 2024. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

As marcações corporais são práticas adotadas por diversas culturas ao longo de toda a história da humanidade. A tatuagem, enquanto prática milenar, possui diversos sentidos e significações atribuídas nas mais diversas culturas. No Brasil, a tatuagem inicialmente esteve associada à marginalização, estigmatizando os tatuados por ter se tornado uma prática entre as classes menos favorecidas das cidades portuárias. No entanto, ao longo do século XX, houve uma mudança significativa em sua percepção social, especialmente a partir da década de 1960. Durante os anos 60, a tatuagem começou a ser adotada por jovens de classe média e da elite, o que, aos poucos, alterou sua representação na sociedade brasileira. Nesse período, a tatuagem passou a ser vista como uma expressão coletiva e jovem, em contraste com sua associação anterior de marginalização. O objetivo principal da pesquisa consistiu em identificar e analisar as representações sociais da tatuagem sob a perspectiva dos tatuadores. Em relação aos objetivos específicos, buscou-se identificar e analisar como os tatuadores representam também a cobertura e apagamento de uma tatuagem. Para isso, foram realizadas dez entrevistas com tatuadores do Rio de Janeiro. A análise das entrevistas fundamentou-se na teoria das representações sociais, bem como em estudos sobre corpo, memória social e estética dentro do contexto cultural. Dois temas principais emergiram da análise do discurso dos entrevistados: memória e estética. Foi identificado que a representação social da tatuagem tem passado por mudanças, sendo cada vez mais reconhecida pelos tatuadores e valorizada como uma forma de expressão individual e estética, ainda que a relação com a memória esteja presente. Além disso, houve uma notável normalização e até mesmo incentivo, presentes nos discursos dos tatuadores, à cobertura de tatuagens, indicando uma mudança na percepção da tatuagem como uma marca indelével para uma marca potencialmente transitória.

Palavras-Chave: Tatuagem. Representações Sociais. Corpo. Tatuadores. Marcações Corporais.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Felipe dos Santos. *Social Representations of Tattooing: The Perspective of Tattoo Artists*. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Body modifications are practices adopted by various cultures throughout human history. Tattooing, as an ancient practice, holds diverse meanings and significations attributed in various cultures. In Brazil, tattooing was initially associated with marginalization, stigmatizing those tattooed individuals for becoming a practice among the less privileged classes in port cities. However, throughout the 20th century, there was a significant shift in its social perception, especially from the 1960s onwards. During the 60s, tattooing began to be adopted by middle-class and elite youths, gradually altering its representation in Brazilian society. During this period, tattooing came to be seen as a collective and youthful expression, contrasting with its previous association with marginalization. The main objective of the research was to identify and analyze the social representations of tattooing from the perspective of tattoo artists. Concerning specific objectives, efforts were made to identify and analyze tattoo artists' thoughts on the practice of covering up and removing a tattoo. To this end, ten interviews were conducted with tattoo artists from Rio de Janeiro. The analysis of the interviews was based on the theory of social representations, as well as studies on body, social memory, and aesthetics within the cultural context. Two main themes emerged from the analysis of the interviewees' discourse: memory and aesthetics. It was identified that the social representation of tattooing has undergone changes, being increasingly recognized by tattoo artists and valued as a form of individual and aesthetic expression, even though the relationship with memory is present. Furthermore, there was a noticeable normalization and even encouragement, evident in the speeches of tattoo artists, towards covering up tattoos, indicating a change in the perception of tattooing from an indelible mark to a potentially transient one.

Keywords: Tattoo. Social Representations. Body. Tattoo Artists. Body Markings.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária x Gênero.....	51
Tabela 2 – Raça/Cor X Gênero.....	51
Tabela 3 – Tempo de profissão x Gênero.....	52
Tabela 4 – Tempo de Profissão x Idade.....	52

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	DA ANTIGUIDADE AO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM	12
1.1	A tatuagem no Brasil	15
1.2	A popularização da tatuagem	23
1.3	As regulamentações sobre a tatuagem e o tatuador	26
1.4	Restrições ao uso de tatuagens	27
2	DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS AO CORPO	31
2.1	Os estudos da Psicologia Social	31
2.2	A teoria das representações sociais	34
2.3	Dos estudos sobre o corpo	41
3	A TATUAGEM E SUAS REPRESENTAÇÕES	48
3.1	Metodologia	48
3.2	Coleta de dados	48
3.3	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	51
3.4	Sobre o método	52
3.5	A memória	54
3.6	As coberturas de uma marca	61
3.7	A estética e os atravessamentos contemporâneos da cultura	66
3.8	Sobre as relações da tatuagem e as representações sociais	78
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A – Termo de consentimento	96
	ANEXO B – Caracterização e roteiro	98

INTRODUÇÃO

As marcações e escarificações corporais, ao longo da história humana, têm sido práticas recorrentes em diversas culturas, frequentemente vinculadas a compreensões e interpretações religiosas, identitárias ou estéticas. Ao longo dos séculos, é possível notar uma mudança significativa nas representações, significados atribuídos e evolução das técnicas empregadas nessa prática. Apesar das transformações, as marcações e escarificações corporais persistem como expressões comuns e populares nos dias atuais, especialmente por meio da prática da tatuagem. (Le Breton, 2004, 2007).

Os registros antropológicos indicam que a prática da tatuagem remonta a mais de 7.000 anos, manifestando-se em diversas culturas distribuídas por todos os continentes habitados pela humanidade. Durante a Idade Moderna, as expedições marítimas dos europeus, especialmente nas regiões da Ásia e da Oceania, se depararam com a presença dessa prática. Como resultado desse encontro cultural, marinheiros europeus, passaram a adotá-la, consolidando-a como uma tradição difundida entre as tripulações navais¹. No contexto brasileiro, a tatuagem já era uma prática entre os povos indígenas nativos antes da chegada dos portugueses. Contudo, sua popularização urbana ocorreu da mesma forma que em muitos outros lugares do mundo, através da influência dos marinheiros (Marques, 1997; Leitão, 2004; Jeha, 2019).

À medida que a tatuagem se difundiu entre os marinheiros brasileiros, sua prática estendeu-se aos corpos dos moradores e frequentadores, predominantemente pertencentes às classes populares, nas cidades portuárias. Rapidamente, a tatuagem passou a ser estigmatizada e associada à marginalidade, criminalidade, prostituição e vadiagem. Com isso, a pessoa tatuada tornou-se alvo de preconceito e exclusão, resultando muitas vezes em prisão pelo único fato de ser tatuada (Souza, 2021). Essa estigmatização persistiu de maneira marcante até meados dos anos 60, quando o movimento jovem da contracultura promoveu alterações nas percepções em relação ao corpo. Consequentemente, jovens pertencentes à classe média passaram a adotar a prática da tatuagem e, em especial os surfistas, popularizaram a tatuagem no meio

¹ considero que esses marinheiros ficaram intrigados e encantados pela tatuagem

urbano. Esse fenômeno gradualmente alterou as representações associadas a essa prática (Marques, 1997; Leitão, 2004; Jeha, 2019).

A relação das sociedades contemporâneas com o corpo passa por transformações intensas em um processo contínuo. O corpo, enquanto local de existência e expressão do sujeito no mundo, viu sua importância aumentar significativamente na atualidade, tornando-se um ativo no qual os indivíduos investem cada vez mais em sua aparência e desempenho (Le Breton, 2003). Nesse contexto, as propriedades corporais e o manejo de sua estética são percebidos como um capital responsável por incrementar o valor social de uma pessoa (Bourdieu, 2007b). Assim, inserido numa sociedade que valoriza a imagem e o espetáculo (Debord, 2003) e em uma cultura orientada pela estética, desempenho e consumo (Baudrillard, 1995), a alteração do corpo com o objetivo de alcançar esses padrões culturalmente impostos, tornou-se uma prática comum e popular.

A tatuagem experimentou diversas transformações em relação às suas representações sociais. Inicialmente, era percebida principalmente como uma prática de natureza coletiva associada à juventude e rebeldia (Brás, 2006; Costa, 2004 e Sousa, 2021). No entanto, com as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas, a tatuagem parece estar cada vez mais próxima de uma marca que possibilita ao indivíduo expressar sua identidade e singularidade por meio do seu corpo (Lipovetsky e Serroy, 2015), absorvida pela lógica da cultura líquida pós moderna (Bauman, 2007).

Para a compreensão do fenômeno da tatuagem e suas representações na contemporaneidade, decidiu-se realizar um estudo sobre as representações sociais da tatuagem a partir do que representam os tatuadores. As representações sociais constituem uma teoria da psicologia social inaugurada por Serge Moscovici (1961/2012), cujo propósito é identificar e analisar os conhecimentos compartilhados que ocorrem no cotidiano; trata-se de um estudo científico do senso comum (Moscovici, 2007). Esse trabalho utiliza também referências em pesquisas acerca da representação social do corpo (Jodelet, 1984, 1994; Camargo, Alves e Jodelet, 2010) e das representações sociais da tatuagem em indivíduos tatuados (Schlösser, 2018), juntamente com investigações sobre a prática da tatuagem e a profissão de tatuador (Jeha, 2019; Le Breton, 2004; Sousa, 2021). O propósito é aprofundar a compreensão do fenômeno da tatuagem na contemporaneidade, explorando suas interrelações com o corpo e a cultura.

O objetivo geral da presente dissertação é identificar e analisar as

representações sociais da tatuagem na perspectiva dos tatuadores. Identificar e analisar como os tatuadores representam também a cobertura e apagamento de uma tatuagem é um objetivo específico neste trabalho. Dada a crescente popularidade dessa prática, a cobertura e apagamento de tatuagens tornam-se fenômenos significativos para análise, especialmente a partir da constatação de que na literatura científica em relação a esse tema não há nenhum estudo relacionado a essa prática, segundo as buscas realizadas nas seguintes bases de dados: Scielo e no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Para atender aos objetivos propostos, foi adotada uma abordagem metodológica qualitativa, utilizando entrevistas semidirigidas, a partir de roteiro construído com base nos objetivos da pesquisa, com tatuadores da cidade do Rio de Janeiro. Foram conduzidas 10 entrevistas com tatuadores maiores de 18 anos e com, no mínimo, 2 anos de experiência na área. A análise das entrevistas foi realizada com base na metodologia de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), e na perspectiva da Teoria das Representações Sociais. Duas categorias temáticas principais foram identificadas nos discursos dos tatuadores em relação à tatuagem, ao corpo e à sua prática: memória e estética.

O primeiro capítulo aborda a história da tatuagem e como essa prática se iniciou no contexto urbano brasileiro. É feito um aprofundamento sobre o trajeto da tatuagem desde sua marginalização e estigmatização, fatores que resultaram no aprisionamento e perseguição de indivíduos tatuados, até seu subsequente processo de popularização e o aumento da procura pela prática a partir da década de 60, contribuindo significativamente para a transformação das concepções acerca das marcações corporais. Adicionalmente, são abordadas as regulamentações sobre a tatuagem e a profissão de tatuador, bem como as restrições jurídicas e as políticas públicas associadas a essa prática.

O segundo capítulo deste trabalho apresenta a história e evolução da Psicologia Social e suas abordagens teóricas e metodológicas apresentando a Teoria das Representações Sociais em seus fundamentos teóricos, desdobramentos conceituais e principais elementos que compõem a teoria, contextualizando e relacionando a teoria para a investigação proposta neste trabalho. Realiza-se também uma revisão crítica dos estudos voltados ao corpo, ao mesmo tempo em que se traça uma análise dos estudos relacionados às Representações Sociais do Corpo, ampliando a compreensão do tema.

No terceiro capítulo desta dissertação, destaca-se a elaboração detalhada da metodologia adotada, oferecendo uma visão abrangente sobre as escolhas metodológicas e procedimentos implementados na coleta de dados e posterior análise. Quanto às análises sobre o tema da memória, a dissertação baseou-se nas contribuições de autores importantes na área da memória social. A revisão crítica dessas obras permite uma compreensão aprofundada do fenômeno da memória e a sua relação com a tatuagem, enriquecendo, assim, a análise e interpretação dos resultados obtidos. No que tange às análises referentes ao tema da estética, a dissertação apresenta as perspectivas de autores que se debruçam sobre a estética e seus desdobramentos contemporâneos. Exploram-se as interconexões entre a estética e os fenômenos culturais, proporcionando uma compreensão das implicações estéticas no contexto da tatuagem.

A partir da fundamentação teórica e da análise das entrevistas realizadas, foi possível identificar dados relevantes sobre a tatuagem e suas representações para os tatuadores. Adicionalmente, os resultados obtidos e analisados proporcionam um entendimento mais aprofundado sobre o corpo e a prática da tatuagem na contemporaneidade, especialmente a partir da perspectiva de profissionais especializados na modificação corporal por meio da tatuagem. Dessa maneira, esta pesquisa almeja oferecer uma contribuição significativa para a literatura científica relacionada aos temas abordados em seu escopo.

1 DA ANTIGUIDADE AO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM

Existem muitos registros de escarificações corporais realizadas de modo intencional ao longo da história, atravessando milênios. Esta prática, em cada período histórico, em cada cultura e em cada sociedade, incorporava distintos significados e propósitos. As marcas resultantes, frequentemente, não transmitem em si os seus significados intrínsecos, sendo necessário para compreendê-las considerar seus contextos socioculturais específicos. Desde marcas na epiderme com objetivos estéticos, culturais ou religiosos, até modificações na configuração de partes específicas do corpo, as inscrições corporais permanecem uma presença constante ao longo da história da humanidade (Le Breton, 2007).

As modificações corporais possuem sentidos e significados que nos permite compreender melhor as relações de determinadas culturas, e dos sujeitos que nela estão inseridos, com seus corpos. Nesse contexto, a tatuagem emerge como uma entre várias opções de modificar o corpo e, devido à sua multiplicidade de significados, constitui um interessante objeto de estudo.

O achado arqueológico mais antigo sobre a tatuagem é o “Homem de Gelo”, considerado o primeiro indivíduo a possuir uma tatuagem. Encontrado na fronteira entre a Itália e a Áustria, especialistas estimam que o Homem de Gelo viveu por volta do ano de 5300 a.C. (Marques, 1997; Leitão, 2004; Jeha, 2019). Entre as tatuagens que foram encontradas, Marques cita que o Homem de Gelo “tem linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito. São tatuagens.” (1997, p. 16).

A tatuagem esteve presente em diversas outras civilizações antigas, encontrada em múmias egípcias, como a princesa Amunet, que viveu na região por volta de 2000 a.C. Outros vestígios de tatuagens foram identificados em corpos de guerreiros citas, que transitavam entre a Europa e a Ásia durante o século V a.C. (Marques, 1997).

Durante a Idade Média, existem registros e relatos históricos acerca da prática da tatuagem principalmente através das expedições conduzidas pelo navegador italiano Marco Polo. Nas cartas redigidas por Polo, são mencionadas as marcações corporais que ele encontrou durante suas incursões pela Ásia. No final da Idade

Média, outros exploradores, tais como Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio, também descrevem práticas de pinturas corporais nas pessoas das terras do continente americano (Leitão, 2004). Durante o período da exploração marítima europeia, Marques (1997) afirma que “em resumo: do século XVI em diante, em termos regionais, onde quer que o branco esteve, encontrou escarificações e tatuagens” (p. 40). Segundo Lise, Gauer e Neto (2013), é provável que as marcações corporais tenham surgido de maneira autônoma e independente em diversas regiões do mundo. Outra hipótese, ainda para os autores, é que “o Egito Antigo possui um papel fundamental na distribuição da tatuagem pelo planeta.” (p.297).

Na Idade Moderna, o navegador britânico James Cook, em 1769, introduziu a palavra "tatuagem" pela primeira vez na língua inglesa. Sua origem remonta à adaptação das palavras taitianas e samoanas "*tatah*" e "*tah-tah-tow*", que significavam marcar o corpo (Krakow, 1994 citado por Leitão, 2004). Entretanto, de acordo com Mucciarelli (1998, citado por Lise, Gauer e Neto. 2013), existe uma pequena diferença na origem do termo. Para o autor, a tatuagem vem dos termos "*tau*" e "*tatau*", que representam os sons produzidos a partir da batida do instrumento utilizado para bater em um tronco oco ao fazer uma tatuagem, que originalmente significaria “ferida, desenho batido”. Essa origem se assemelha com o que diz Marques (1997), ao afirmar que a origem da palavra "*ta*" possui o sentido de bater, golpear.

João do Rio, jornalista e cronista que viveu no Rio de Janeiro entre 1881 e 1921, também aborda a origem do termo em uma de suas crônicas intitulada “Os Tatuadores”, escrita em 1904:

A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Loocks que a introduziu no ocidente, e esse escrevia tattou, termo da Polinésia de tatou ou to tahou, desenho. Muitos dizem mesmo que a palavra surgiu no ruído perceptível da agulha da pele: tac, tac. Mas como é ela antiga! O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem (Do Rio, 1910, p.20).²

A palavra “tatuagem” é dicionarizada na língua portuguesa no século XIX: “A palavra tatuagem entra para a Língua Portuguesa antes mesmo do fim do século XIX, registrada no "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", de Cândido Figueiredo, editado em 1889 em Lisboa.” (Leitão, 2004, p. 7).

² Não há referências ao navegador "Loocks" ao qual João do Rio se refere, sendo possivelmente uma escrita incorreta do navegador James Cook, atribuído por diversas fontes (Sousa, 2021; Jeha, 2019; Marques, 1997; Leitão, 2004) como o navegador responsável pela introdução do termo "tatuagem" no Ocidente.

Tatuagem, [substantivo] feminino. Conjunto dos meios, que se introduzem debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para produzir desenhos duradouros e aparentes. Tatuado, verbo transitivo. Fazer tatuagem em (de tantan, traduzido do taiti) (Marques 1997, p. 142).

É necessário também citar o importante papel que os Maori, povo nativo da Nova Zelândia, tiveram na disseminação da tatuagem no ocidente. O navegador James Cook chegou a levar um polinésio completamente tatuado ao “velho continente” (Leitão, 2004; Marques, 1997). Posteriormente, um dos marinheiros de Cook foi tatuado por um dos nativos da Nova Zelândia. Não por acaso, a tatuagem começou a se difundir e popularizar no Ocidente principalmente entre os marinheiros (Marques, 1997).

Os povos asiáticos e polinésios desempenharam um papel significativo na popularização da tatuagem no ocidente. Integrada às suas culturas, a prática da tatuagem despertava o interesse dos exploradores europeus que visitavam essas regiões, resultando na adoção dessa forma de expressão corporal por alguns marinheiros (Marques, 1997). Devido ao seu caráter "exótico", a tatuagem exercia um fascínio sobre aqueles que a encontravam:

A prática da tatuagem no Ocidente tem passado por distintos contextos sociais. Inicialmente, como arte “exótica”, foi introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII que, seduzidos por esta arte corporal praticada por distintos povos aborígenes (especialmente os das ilhas do Pacífico), começaram a tatuar seus próprios corpos (Pérez, 2006, p. 180).

A popularização da tatuagem na Europa ocorreu através da adesão de sua prática por alguns membros da elite e nobreza do continente. De maneira diferente do que ocorreu no Brasil, reis e príncipes incorporaram tatuagens em seus corpos, incluindo o rei Eduardo VII da Inglaterra e o príncipe Frederico IX da Dinamarca (Jeha, 2019). Já no Brasil, “não se há registros de membros da elite tatuados antes da década de 70.” (p. 19) do século XX. Além do rei britânico e do príncipe dinamarquês, outros membros da monarquia europeia deixaram suas marcas através de tatuagens. George V, duque de York, tornou-se conhecido como o "príncipe marinheiro" devido às suas tatuagens. Nicolau II, do Império Russo, George I, rei da Grécia, Guilherme II, imperador da Alemanha, também aderiram à prática. Mais adiante na história, figuras como Winston Churchill e Theodore Roosevelt também exibiam tatuagens, indicando que essa prática havia se tornado comum entre grandes monarcas e figuras políticas na Europa e nos Estados Unidos (Marques, 1997).

Com sua crescente popularização, a pele tatuada passou a ser estigmatizada e alvo de perseguições baseadas em teorias que a associavam à marginalidade. No Brasil, a presença da tatuagem na elite só se consolidou na segunda metade do século XX, conforme mencionado por Jeha (2019), o que parece ter contribuído para a significativa marginalização que ocorreu no país.

1.1 A tatuagem no Brasil

A prática da tatuagem no Brasil já existia antes de sua "descoberta" pelos portugueses. A tatuagem e, de maneira mais ampla, as pinturas corporais eram, e ainda são, parte integrante da cultura de alguns povos indígenas (Jeha, 2019). Com a chegada dos europeus ao Brasil, um processo semelhante ao que ocorreu na Polinésia também teve lugar aqui. Assim como James Cook, Henri Estiene, um explorador francês, levou índios brasileiros à corte francesa em 1512, para apresentar suas cicatrizes e marcações corporais. Fernão Cardim, um jesuíta que esteve no Brasil entre 1573 e 1580, descreveu em uma de suas obras as diversas incisões e marcas na pele dos nativos brasileiros (Marques, 1997).

A prática da tatuagem era comum em diversos povos indígenas, cada um atribuindo diferentes significados a esse ritual. Os tupinambás se tatuavam por razões hierárquicas, mágicas, de luto e sacrifício; os tupis e os cainguás utilizavam a tatuagem como um rito de iniciação feminino à puberdade; os guanás e os cadiueus adotavam a tatuagem como uma forma de ornamentação sexual (Marques, 1997). Embora a cultura da tatuagem nos povos indígenas tenha diminuído nos últimos 500 anos, ainda há pelo menos uma dezena de grupos que preservam essa prática (Jeha, 2019).

A disseminação da tatuagem no cenário urbano do Brasil não foi influenciada pelos povos indígenas, mas seguiu padrões semelhantes aos de várias outras regiões do mundo: através dos marinheiros europeus e americanos que chegavam ao país (Jeha, 2019). A assinatura do Tratado de Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 1808, desempenhou um papel crucial na popularização da tatuagem no Brasil. Com a chegada de mais navios estrangeiros a prática da tatuagem rapidamente se tornou uma "moda" e se disseminou entre os marinheiros brasileiros nas zonas portuárias (Leitão, 2004). Sobre esse acontecimento histórico, Jeha (2019) complementa que:

Os marujos tem uma importância central na história da tatuagem no mundo ocidental e no Brasil. Desde a primeira metade do século XIX, há registros permanentes de chegadas de marujos tatuados, bem como de marítimos nascidos no território do Brasil Império que se tatuavam. Itinerantes, eles levavam e trouxeram a tatuagem para muitas paragens brasileiras. Alguns eram tatuadores. Essa cultura, típica de navio e espalhada nas cidades portuárias, também pertence aos quartéis. Longe de casa, morando em alojamentos e acampamentos, os soldados cultivavam a tatuagem no seu cotidiano (Jeha, 2019, p. 14).

Com a popularização entre os marinheiros, a prática da tatuagem se disseminou rapidamente nas cidades portuárias e, conseqüentemente, nos quartéis e cadeias. A provável disseminação dessa prática ocorreu da seguinte maneira:

O fascínio deve ter se deslocado mais ou menos nos seguintes percursos: do marinheiro estrangeiro para a prostituta, e da prostituta para o freguês brasileiro; do marinheiro estrangeiro que se mete em confusão e vai preso para os brasileiros colegas de cela (Marques 1997, p.140).

O confinamento em instituições também desempenhou um papel na disseminação da tatuagem. Trabalhadores de quartéis e navios, bem como prisioneiros, passaram a tatuar seus corpos como uma forma de enfrentar o ócio e a falta de identidade que esses locais impõem àqueles que estão confinados lá (Jeha, 2019).

No início do século XX, a tatuagem se tornou uma prática aceita e difundida entre os frequentadores e moradores das zonas portuárias do Rio de Janeiro e de Santos, que eram predominantemente de baixa renda e que sofriam uma intensa marginalização por parte das elites. As elites brasileiras não circulavam nesses territórios e estabeleceram códigos de que os habitantes dessas áreas deveriam estar restritos ao percurso de trabalho-casa. As tatuagens presentes nos moradores dessas regiões passaram a representar um sinal de atraso social que dificultava a modernização (Sousa, 2021). Essa estigmatização da tatuagem ocorreu também devido ao seu percurso histórico no Brasil, onde se tornou uma prática comum em grupos sem prestígio social. Prisioneiros, soldados, prostitutas e outros segmentos marginalizados adotaram a tatuagem como uma prática relativamente comum e um sinal de identidade (Jeha, 2019).

A maioria dos registros de tatuadores ao longo da história da tatuagem ocidental eram marinheiros ou indivíduos localizados em zonas portuárias. Alguns desses marinheiros que atracavam no Brasil chamavam a atenção devido ao grande número de tatuagens, conforme destaca Jeha (2019): “Alguns marujos muito tatuados que desembarcavam nos portos brasileiros exibiam seus corpos, eram fotografados e

às vezes tinham seus torsos ou braços nus publicados em jornais e revistas” (p.30).

João do Rio (1910) destacou que os tatuadores do início do século XX aprendiam suas primeiras lições durante períodos de “inatividade” em locais como cadeias, penitenciárias e quartéis. Em uma breve caminhada pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, João do Rio relata ter avistado aproximadamente 30 tatuadores e observou as distintas abordagens que eles utilizavam para marcar a pele, empregando técnicas de picada, incisão ou queimaduras subepidérmicas. A principal forma era utilizando três agulhas amarradas, mergulhadas em graxa, tinta, anil ou pólvora; João do Rio comparou, ainda, o trabalho artesanal dos tatuadores com os das senhoras que fazem bordados.

Com a difusão da tatuagem nas cidades portuárias que identificava na pele os frequentadores e residentes da região, predominantemente de origem pobre, a criminalização e perseguição dos tatuados por parte das autoridades era previsível. Apoiando-se em um pensamento científico eugenista e utilizando o poder judiciário, a elite logo encontrou uma forma de criminalizar aqueles que eram indesejáveis.

Se uma parte da medicina e uma parte do sistema judiciário brasileiro carregaram no preconceito, não fizeram mais do que dançar conforme a música da época. Deram acabamento científico à moral reinante (Marques, 1997, p. 144).

Muitas pessoas (como hoje com as pessoas negras) eram detidas sem ter cometido algum crime. Era comum o encarceramento de pessoas pobres sob a acusação de vadiagem, contravenção estabelecida no código penal, que penalizava principalmente o desempregado. A tatuagem não era uma prática proveniente de criminosos, mas tornou-se prática comum na prisão, em um ambiente de confinamento repleto de pessoas que sequer haviam cometido algum delito, conforme explica Sousa:

Diferente do que se enraizou no senso comum, a tatuagem não foi historicamente estigmatizada por ser uma prática dos indivíduos criminosos. Ao contrário, ela parece ter se estabelecido nas prisões muito mais por uma política de encarceramento das classes pobres. Política especialmente materializada na criminalização da vadiagem e nas consequentes prisões dos indivíduos das classes populares (2001, p.44-45).

Os costumes e práticas provenientes dos marginalizados eram estigmatizados pela burguesia, que considerava tais práticas como algo criminoso, imoral e esteticamente desagradável. A tatuagem, sendo uma dessas práticas, tornou-se alvo de uma política "civilizatória" que combatia comportamentos associados à

malandragem, vadiagem e atraso moral (Sousa, 2021). O samba e a capoeira são outros exemplos de práticas que foram perseguidas nessa época. A estigmatização da tatuagem ocorreu, então, devido à cor da pele, à origem e às condições socioeconômicas dos tatuados da época (Jeha, 2019).

Sobre o percurso da estigmatização da tatuagem, Sousa (2021) afirma que: “Se quisermos compreender o percurso de sua estigmatização, ao invés da relação tatuagem-criminalidade, a associação tatuagem-pobreza é significativamente mais precisa” (p. 55). As práticas associadas aos trabalhadores foram sistematicamente reprimidas, e com a tatuagem não foi diferente. Conforme a sociedade brasileira se aburguesava, a tatuagem passou a representar uma marca de ócio, vadiagem, pecado, um atraso moral e estético. Como uma forma de arte impressa na pele de indivíduos pobres, a tatuagem tornou-se um estigma que marcava aqueles que já estavam à margem econômica e social da sociedade.

Goffman (1988) exemplifica o estigma através de um indivíduo que, embora pudesse ter sido bem recebido em relações sociais, acaba afastando as pessoas devido a um traço que chama a atenção, impedindo e dificultando interações sociais devido a esse atributo. O autor também destaca como as discriminações, frequentemente ocorridas de maneira velada ou sem uma reflexão explícita sobre o motivo, reduzem perigosamente as oportunidades de vida para o estigmatizado, seja devido a marcas corporais, características pessoais ou até mesmo classe social.

João do Rio (1910) menciona três grupos nos quais a tatuagem se disseminava no Rio de Janeiro no início do século XX: os negros, os turcos e um grupo composto por meretrizes, rufiões e pessoas humildes. Sobre esse último grupo, João afirma que são os mais numerosos, formados principalmente por vendedores ambulantes, operários, soldados, criminosos, rufiões e meretrizes. A prática da tatuagem, segundo o escritor, transformou-se em uma indústria com chefes, subchefes e praticantes.

Devido à impossibilidade de afirmar que as pessoas tatuadas haviam cometido algum crime, a solução encontrada pelas autoridades foi afirmar que o corpo tatuado era potencialmente criminoso, possibilitando a detenção de todos aqueles que possuíam alguma tatuagem:

Neste sentido, investiu-se em um discurso normalizador sobre o corpo tatuado que o associou não apenas à criminalidade, mas sobretudo à noção de periculosidade que as classes pobres representavam. Antes de ser um corpo criminoso, a função política da qual o corpo tatuado foi investido pelos discursos predominantes no início do século foi a de potencialmente

criminoso, ou seja, perigoso. Por certo, o trânsito de sujeitos tatuados no interior das prisões não foi raro, e o simples fato de ser tatuado era elemento suficiente para ser levado para averiguação policial. Todavia, é preciso afirmar que a associação entre a tatuagem e a criminalidade não foi produzida livre de tensões (Sousa, 2001, p.59).

O processo de criminalização da tatuagem se relaciona com Cesare Lombroso e suas teorias. Cesare nasceu em Verona, Itália, em 1835. Médico, especializou-se em psiquiatria e foi diretor de um manicômio na cidade de Pesaro, onde conduziu estudos em que associavam a delinquência à doença mental. Posteriormente, Lombroso tornou-se médico de algumas penitenciárias e foi nomeado também como médico militar, sendo responsável pela fundamentação do que veio a ficar conhecido como Antropologia Criminal (Lombroso, 2013).

Em sua fundamentação teórica, Lombroso (2013) baseou-se em conhecimentos pseudocientíficos para justificar suas teorias eugenistas. Associava constantemente características físicas e fisiológicas individuais, como tamanho de mandíbula, conformação do cérebro, estrutura óssea e a hereditariedade, como características determinantes para tendência ao crime e ao comportamento violento. Lombroso conduziu uma extensa pesquisa sobre tatuagens, classificando diversos criminosos com base em suas marcas corporais. Ele afirmava que indivíduos tatuados exibiam características como insensibilidade à dor, cinismo, vaidade, falta de senso moral, preguiça e impulsividade, atribuindo tais traços a uma condição primitiva ou selvagem:

O lugar da tatuagem, e sobretudo o número, são de grande importância antropológica, porque provam a vaidade instintiva que é característica no criminoso. (...) Toda essa multiplicidade é a nova prova da pouca sensibilidade à dor, que os delinquentes tem em comum com os selvagens (p.35-36).

Jeha (2019) destaca Cesare Lombroso como um dos principais contribuintes para a construção imaginária da tatuagem como um estigma associado à marginalidade e à criminalidade. A teoria de Lombroso teve um impacto significativo no Brasil e no mundo:

Entre pelo menos a segunda metade do século XVIII e meados do século XX, a tatuagem era uma cultura das camadas mais pobres. Os criminalistas, com Cesare Lombroso como o mais influente no Brasil, incluíam a tatuagem como apanágio dos permanentemente suspeitos. (p. 15).

Até meados do século XVIII, as marcações corporais eram uma prática difundida em algumas sociedades ocidentais, empregada como meio de punição para

aqueles que haviam cometido algum crime. As punições corporais, conhecidas como suplícios, constituíam uma forma de castigo destinada a infligir marcas, sinais e cicatrizes nos corpos dos indivíduos condenados. Uma das finalidades desses suplícios era assegurar que tanto os condenados quanto a sociedade lembrassem do ocorrido, criando uma marca com o propósito de estigmatizar o indivíduo condenado (Foucault, 1987).

Le Breton (2004) também aborda as punições corpóreas ao longo da história, destacando que na Grécia Antiga, escravos e fugitivos eram submetidos à marcação com ferro em brasa. Na França, aqueles considerados marginais eram marcados com um ferrete contendo uma letra ou desenho, com a finalidade de distinguir o crime cometido e o grupo ao qual pertenciam:

O ferrete é uma marca realizada com um ferro em brasa no ombro do condenado, a flor de lis e as letras GAL assinalam a passagem pelas galeras reais conduzindo a um reconhecimento imediato daqueles que se acha dever ser rejeitado publicamente pela sociedade. Os ladrões são punidos com uma flor de lis com um V. As prostitutas são igualmente marcadas (p.32).

O discurso biomédico desempenhou um papel significativo na perseguição de diversos grupos ao longo da história. Le Breton (2004) destaca como esse discurso foi politicamente empregado como premissa para a punição e estigmatização, em que se defendia a realização de marcações corporais naqueles que não eram socialmente aceitos:

O biólogo Pauling sugeriu outrora a tatuagem frontal dos portadores de genes “defeituosos” a fim de perceber ao primeiro olhar o perigo potencial em caso de acasalamento. Sabemos qual o uso que a Alemanha nazi fez das tatuagens infamantes nos campos de morte. Mais recentemente, políticos de extrema-direita ou de sensibilidade próxima propuseram marcar, melhor ainda estigmatizar, com um sinal identificativo na fonte as pessoas atingidas pelo HIV ou pela sida, a fim de provocar desconfiança em relação a elas, e sobretudo mostra-las como “perigosas” para os eventuais parceiros (p.34).

Lombroso foi responsável por estabelecer uma correlação entre características como demência, uso de gírias, preguiça e até mesmo tatuagens com a propensão à criminalidade. Essa teoria foi utilizada como justificativa para perseguir, deter e punir qualquer indivíduo que desafiasse as normas sociais vigentes (Balera e Diniz, 2013). Também questionava a razão e o propósito pelos quais as pessoas das classes sociais mais baixas, que ele associava à criminosos, em seus preconceitos racistas e classistas, optavam por se tatuar, o que segundo sua perspectiva, tal prática não proporcionava nenhuma vantagem social (Lombroso, 2013).

João do Rio questiona a teoria de Lombroso e destaca uma substancial lacuna na compreensão do italiano em relação à tatuagem. João ressalta o papel do ambiente na disseminação da prática da tatuagem entre indivíduos pertencentes às classes sociais mais baixas:

Lombroso diz que a religião, a imitação, o ócio, a vontade, o espírito de corpo ou de seita, as paixões nobres, as paixões eróticas e o atavismo são as causas mantenedoras dessa usança. Há uma outra — a sugestão do ambiente. Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada — tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos há o romance imageográfico de inversões dramáticas; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, barregãs, mas também portugueses chegados da aldeia com a pele sem mancha, que influência do meio obriga a incrustar no braço coroas do seu país. (Do Rio, 1910, p.19).

Mais adiante, na mesma crônica, João do Rio indaga o motivo pelo qual a classe baixa adota a prática da tatuagem e observa a falta de inibição de algumas pessoas em exibir suas marcas. Enquanto isso, nota-se que criminosos que possuíam tatuagens faziam esforços significativos para ocultar suas marcas, visto que poderiam ser mais identificados por conta dessas:

A sociedade, obedecendo à corrente das modernas idéias criminalistas, olha com desconfiança a tatuagem. O curioso é que — e esses estranhos problemas de psicologia talvez não sejam nunca explicados — o curioso é que os que se deixam tatuar por não terem mais que fazer, em geral, o elemento puro das aldeias portuguesas, o único quase incontaminável da baixa classe do Rio, mostram sem o menor receio os braços, enquanto os criminosos, os assassinos, os que já deixaram a ficha no gabinete de antropometria, fazem o possível para ocultá-los e escondem os desenhos do corpo como um crime. Por quê? Receio de que sejam sinais por onde se faça o seu reconhecimento? Isso com os da polícia talvez. Mas mesmo com pessoas, cujos intentos conhecem, o receio persiste, porque decerto eles consideram aquilo a marca de fogo da sociedade, de cuja tentação foram incapazes de fugir, levados pela inexorável fatalidade (Do Rio, 1910, p. 20)

A explicação que João do Rio procurava é abordada por Jeha (2019), que identifica uma variedade de motivos para a prática da tatuagem, incluindo razões religiosas, associação com lembranças e memórias, expressão de paixões, considerações estéticas e questões identitárias, entre outros. Para aqueles que optam por tatuar-se, a marcação da pele como expressão de seus sentimentos é considerada mais significativa do que o estigma potencial associado à marca.

Os jornais da época também adotavam um discurso estigmatizador que endossava as políticas de encarceramento e criminalização das pessoas tatuadas. Nessas matérias, observa-se uma constante associação da tatuagem à criminalidade, prostituição, primitivismo e vadiagem, com o intuito de vincular a prática da tatuagem

às classes consideradas perigosas, reforçando a ideia de retrocesso moral. Entretanto, algumas reportagens não adotavam esse tom em suas páginas. Algumas delas questionavam e até mesmo criticavam as teorias lombrosianas que associavam a tatuagem à criminalidade, embora fossem uma minoria. O dano já estava feito, e qualquer indivíduo tatuado tornava-se alvo de investigações policiais (Sousa, 2021).

No meio artístico não era tão incomum encontrar referências à tatuagem. Leão de Vasconcelos, em 1933, produziu um trabalho literário intitulado "Tatuagens Sentimentais", o qual consiste em trinta e um poemas dedicados à tatuagem. Esses versos descrevem a prática como um símbolo de sentimentos, sensualidade e amor. Jorge Amado também incorporou personagens tatuados em suas obras, sendo o primeiro exemplo datado de 1936 (Marques, 1997). Contudo, a maioria dos registros sobre tatuagem provinha de artigos publicados em revistas e jornais, os quais corroboravam com a narrativa predominante.:

A distância temporal entre as reportagens demonstra a permanência do estigma que tentou associar a tatuagem à criminalidade ao longo da primeira metade do século. Essa associação só será abrandada – mas não extinta – a partir da década de 1960, quando jovens de classe média passarão a adotar a prática como modo de afirmar uma identidade descolada das imposições sobre a construção corporal, utilizando-a justamente como elemento de contestação dessa ordem que se impõe sobre o corpo (Sousa, 2021, p.71).

O discurso que estigmatizava as tatuagens perdurou por várias décadas, até um período relativamente recente. Jeha (2019) destaca como esse preconceito afetava especificamente as mulheres que optavam por tatuar seus corpos:

As mulheres que se tatuavam eram malvistas, e a prática estava totalmente relacionada a uma sexualidade que não deveria se manifestar. A tatuagem feminina está registrada principalmente entre as prostitutas. A despeito da prostituição nunca ter sido considerada crime, elas eram muitas vezes presas por vadiagem, um artigo da lei que assumiu diversas formas desde o período colonial até os dias de hoje, possibilitando a prisão de um indivíduo que não tivesse "ocupação honesta". Como na Europa e nos Estados Unidos, principalmente as prostitutas pobres e mulheres transgressoras se tatuavam. Nas ruas, nas prisões, nos prostíbulos. Seus corpos, já estigmatizados, não teriam nada a perder com a tatuagem (p. 15-16);

A ressignificação da tatuagem no contexto brasileiro emerge significativamente a partir da década de 60. Diversos autores, como Jeha (2019), Leitão (2004), Marques (1997), Sousa (2021), entre outros, atribuem esse fenômeno ao crescente interesse pela prática entre os jovens pertencentes à classe média brasileira. As transformações culturais em curso na sociedade desempenharam um papel fundamental na gradual alteração da representação social associada à tatuagem.

1.2 A popularização da tatuagem

O dinamarquês Knud Gregersen, conhecido como Lucky, o Mr. Tattoo, reconhecido como o primeiro tatuador profissional do país, é considerado um importante personagem para a popularização da tatuagem no Brasil. Chegando aqui em 1959, Lucky ficou famoso em Santos onde sua habilidade artística conquistou notoriedade e popularidade. Em pouco tempo, seu trabalho ficou conhecido e atraiu clientes de outras cidades do Brasil, em especial do Rio de Janeiro. Algumas pessoas chegavam a viajar do Rio de Janeiro até Santos e voltar no mesmo dia exclusivamente para receber uma tatuagem de Lucky. (Marques, 1997).

A contracultura, movimento majoritariamente jovem, que teve seu início em meados da década de 1960, teve um forte papel na mudança na transformação da percepção da sociedade em relação à tatuagem. O que antes era visto como algo íntimo, oculto sob as vestimentas, passou a ser cada vez mais exposto. As revoluções culturais que ecoaram pelo Ocidente tiveram um impacto considerável também por aqui, sendo a popularização das tatuagens diretamente vinculada a esse movimento cultural que alterou a relação das pessoas com seus corpos (Jeha, 2019). A tatuagem conquistou notável popularidade entre os jovens, principalmente com os surfistas do Rio de Janeiro, os quais se deslocavam até Santos com o propósito de se tatuar com Lucky (Marques, 1997). Nessa época, Lucky compartilhou em uma entrevista ao jornal "O Globo" as motivações que levavam homens, mulheres e jovens ao seu estúdio de tatuagem:

Os homens querem ser tatuados por dois motivos principais: a fé e o amor, amor às mulheres, ao país, à profissão. Mas existe outro motivo: o exibicionismo ruim, dos violentos, que acham a tatuagem marcas de valentia. As mulheres tem um motivo próprio: a vaidade. Os jovens tem igualmente uma razão própria: eles são diferentes, querem se mostrar porque não se envergonham de seus corpos; ao contrário, gostam deles. (Marques, 1997, p. 179)

Até então, a prática da tatuagem não contava com profissionais reconhecidos, sendo realizada por tatuadores ambulantes que frequentavam espaços públicos e atendiam predominantemente classes consideradas "socialmente perigosas ou moralmente atrasadas". Contudo, entre as décadas de 1960 e 1980, observa-se uma transformação significativa, na qual a tatuagem passa a ser realizada por tatuadores artesãos em ateliês. Ocorre uma mudança demográfica em que os clientes deixam de

ser predominantemente pessoas de baixa renda para incluir cada vez mais jovens pertencentes à classe média, resultando em uma alteração dos espaços no quais pessoas tatuadas eram avistadas e frequentavam (Sousa, 2021).

Com a disseminação do movimento cultural hippie, a tatuagem gradualmente deixou de ser uma característica exclusiva de indivíduos considerados marginais, passando a ser apreciada por diversas classes sociais na sociedade brasileira. Embora tenha enfrentado resistência e preconceito, a prática começou a perder seu estigma à medida que foi adotada por pessoas que não eram mais diretamente associadas à marginalidade. Agora, jovens pertencentes às classes média e alta começaram a se envolver cada vez mais com a tatuagem, ampliando sua aceitação e normalização na sociedade:

O período de uso da tatuagem restrito a camadas populares e marginalizadas durou até as décadas de 1960, 1970 e 1980, a depender da localidade no Brasil e no mundo. Nessa época, grupos de contracultura, como roqueiros, punks e hippies, e outros específicos, como os sufistas, também a adotaram, justamente por tratar-se de símbolo de marginalidade ou rebeldia até virar moda e ingressar definitivamente na cultura pop ocidental. A partir de então, esse “renascimento da tatuagem”, como os estadunidenses denominaram o fenômeno, explodiu em todas as classes sociais e em quase todos os cantos do mundo (Jeha, 2019, p. 18).

O surfe, esporte predominantemente associado à classe média alta, tornou-se um difusor da tatuagem na zona sul carioca. A classe média e os filhos da elite passaram a adotar a prática da tatuagem, marcando-se e identificando-se como parte de um grupo tatuado. Este fenômeno resultou na ascensão da tatuagem como uma forma de expressão popular entre jovens na faixa etária dos vinte e poucos anos (Marques, 1997). A subsequente popularização nesse meio levou a um aumento significativo no número de profissionais qualificados para realizar tatuagens, especialmente a partir da década de 1980:

Com o aumento excepcional da procura pelo serviço de tatuadores, mais profissionais estrangeiros chegam ao país, assim como tatuados brasileiros aprendem o ofício, alguns ainda tatuando através do processo manual, com agulha e nanquim. É a década de oitenta que marca a profissionalização dos tatuadores (Leitão, 2004, p.8).

É nesse contexto que surge a primeira loja de tatuagens moderna no Rio de Janeiro marcando o início da real profissionalização da tatuagem na cidade carioca. A tatuadora Ana Velho inaugura o primeiro estúdio na rua Visconde de Pirajá, em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro no ano de 1980. (Marques, 1997; Leitão, 2004). Ao longo da década de 1990, observa-se uma institucionalização dos espaços

destinados à prática da tatuagem, acompanhada pelo estabelecimento das primeiras normas e leis. Essas regulamentações visavam, de certa forma, estruturar a profissão do tatuador, delimitar as condições de trabalho e estabelecer uma idade mínima para a realização de tatuagens (Sousa, 2017, 2021).

Em 1995 é lançada o que provavelmente foi a primeira revista especializada em tatuagem no Brasil, a *MetalHead Tattoo*, derivada da revista *MetalHead*, responsável por abordar sobre os mais diversos temas do mundo das modificações corporais. Posteriormente, várias outras revistas surgem abordando esse tema, tanto revistas exclusivamente dedicadas a tatuagens e piercings quanto à temas mais abrangentes. Com a popularização da internet, a proliferação de sites e *blogs* dedicados à tatuagem ampliou ainda mais a divulgação dessa forma de arte, contribuindo para a crescente popularidade entre os jovens (Sousa, 2017).

Não existe nenhum dado fidedigno sobre a quantidade de pessoas tatuadas no Brasil. No entanto, uma reportagem vinculada no site Band News faz referência a um estudo do Instituto alemão Dahlia, indicando que mais de 30% da população brasileira possui alguma tatuagem, sendo que mais de 75% dessas pessoas teriam mais de uma tatuagem (Gasparin, 2022). Foram realizadas buscas sobre a fonte do estudo, entretanto, a matéria da Band News além de outros *sites* e *blogs* que vincularam tal notícia, não adicionam *links* ou direcionamentos para a fonte original. Além disso, não foi encontrado na *internet* o Instituto Dahlia e a referida pesquisa.

Em pesquisas realizadas em inglês, os dados mencionados em reportagens brasileiras foram identificados no site WorldAtlas, conforme reportagem veiculada em 2018. Entretanto, é pertinente observar que não houve menção ao Instituto Dahlia nem à entidade responsável pela condução da pesquisa (Wanbugu, 2018). Outro *site*, Newsweek, também aborda o mesmo estudo, faz referência ao Instituto Dahlia e fornece um link para a pesquisa, o qual, ao ser acessado, redireciona para um site de pesquisas – um *survey* – que se encontra inativo. Todavia, no próprio site *Newsweek*, são disponibilizados mais detalhes sobre a pesquisa, indicando a obtenção de 9.054 respostas, todas de forma *online*, de participantes provenientes de mais de 18 países distintos no levantamento conduzido pelo Instituto Dahlia (Tennent, 2018).

A ausência de dados confiáveis sobre a quantidade de pessoas tatuadas no Brasil, e possivelmente em outras nações, é notável. Conforme uma reportagem da TV Brasil, com base em informações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), estima-se que existam aproximadamente 150 mil

estúdios de tatuagem licenciados no Brasil, evidenciando um crescimento anual de 25% nesse setor (TV Brasil, 2019). Contudo, não foi possível encontrar diretamente essa informação no site do Sebrae. Em uma reportagem mais recente, datada de 2022, observa-se que o número de pequenos negócios no ramo da tatuagem aumentou significativamente, registrando um acréscimo de 53,3% em comparação ao primeiro trimestre de 2019 (SEBRAE, 2022).

Mesmo diante da falta de dados específicos sobre a quantidade de pessoas tatuadas no Brasil, é possível constatar o aumento dessa prática na sociedade brasileira. Anteriormente associada predominantemente aos jovens, a tatuagem tornou-se uma prática adotada por pessoas de diversas faixas etárias. Além disso, nota-se sua presença em distintas camadas sociais da população.

1.3 As regulamentações sobre a tatuagem e o tatuador

Devido ao amplo contexto histórico, social e cultural associado à prática da tatuagem, não seria surpreendente considerar a possibilidade de a tatuagem ter sido proibida em algum momento ou sujeita a leis que criminalizassem sua prática. A primeira legislação promulgada no Brasil que efetivamente trata do tema das tatuagens em seres humanos é a Lei Estadual de São Paulo nº 9.828, de 6 de novembro de 1997, de autoria do Deputado Campos Machado. Essa lei proíbe a aplicação de tatuagens permanentes ou a inserção de adornos, como brincos, argolas e alfinetes que perfurem a pele ou partes do corpo humano, com exceção dos brincos nos lóbulos das orelhas, em menores de idade sem o consentimento dos pais (São Paulo, 1997).

Ainda na jurisprudência de São Paulo, a Portaria do Centro de Vigilância Sanitária-12 (CVS) de 30 de julho de 1999, tinha o objetivo de regulamentar a profissão do tatuador, local de trabalho, questões de segurança sanitária, identificação de clientes e o estabelecimento da idade mínima de 18 anos para realizar o procedimento da tatuagem. (BRASIL, 1999). Importante mencionar que uma portaria anterior, a CVS-13, de 7 de setembro de 1992, teve como objetivo regulamentar os estabelecimentos de tatuagem, buscando coibir a prática de "tatuadores ambulantes" e promover a profissionalização dos tatuadores, orientando-os para uma prática mais segura. Embora a portaria CVS-13 não esteja integralmente disponível nos registros do site da Vigilância Sanitária ou na internet em geral, Souza (2017) faz referência a

uma síntese publicada na revista MetalHead. Além dos pontos mencionados, Souza destaca que a CVS-13, diferentemente da CVS-12, proibia a realização de tatuagens em menores de 21 anos.

No Rio de Janeiro, em 2006, foi homologada a lei nº 4.388 de 28 de agosto, que dispõe sobre condições de funcionamentos de estúdios de tatuagem e piercings na cidade, além de proibir a realização dos procedimentos em menores de idade (RIO DE JANEIRO, 2006). Além do Rio de Janeiro e São Paulo, é possível encontrar leis de regulamentação tanto em nível municipal quanto em nível estadual sobre a profissão de tatuador e suas práticas.

Em âmbito nacional, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), trouxe regulamentações, na resolução nº 58 de 2008, sobre os registros de produtos utilizados na pigmentação da pele e demais produtos necessários para a realização da tatuagem (BRASIL, 2008). A última atualização sobre o tema é na Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 553, de 30 de agosto de 2021. (BRASIL, 2021). Em 2009, a Anvisa disponibilizou a “Referência Técnica para o funcionamento dos serviços de tatuagem e piercing” onde aponta disposições sobre licenciamento sanitário, condições de funcionamento, estrutura física, materiais e equipamentos e sobre procedimentos. No entanto, o próprio documento possui a seguinte afirmação: “Esse documento não tem qualquer poder legal, sendo apenas material de referência para que estados e municípios elaborem e instituem legislações locais a respeito do assunto” (ANVISA, 2009).

1.4 Restrições ao uso de tatuagens

Houve, durante um tempo, a proibição da exibição de tatuagens visíveis no corpo, especialmente em concursos para ingresso nas forças armadas, polícia militar e corpo de bombeiros. Em pesquisa realizada nos editais de concursos para Delegado da Polícia Federal, Delegado da Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal e Oficial de Justiça do Rio de Janeiro não revelou quaisquer restrições em relação a tatuagens nos editais publicados após o ano de 2012 (De Almeida Sousa, 2016).

Nas forças armadas, certos tipos de tatuagens são considerados critérios para indivíduos que aspiram ingressar nessas instituições. No âmbito da Aeronáutica, a Lei nº 12.464, de 2011, em seu vigésimo artigo, estipula a proibição de tatuagens contendo símbolos ou inscrições que possam afetar a honra pessoal ou o pudor

militar, fazendo alusão a: a) ideologias terroristas ou extremistas contrárias às instituições democráticas, que preguem violência ou criminalidade; b) discriminação ou preconceito baseado em raça, credo, sexo ou origem; c) ideias ou atos libidinosos; e d) ideias ou atos ofensivos às Forças Armadas ou à sociedade. Quanto à Marinha e ao Exército, as Leis nº 12.704 e nº 12.705 de 2012, respectivamente, estabelecem de maneira similar as restrições previstas pela legislação da Aeronáutica. Uma atualização na legislação para admissão na Marinha ocorreu em 2022, incluindo a proibição de tatuagens realizadas na cabeça, rosto e na face anterior do pescoço por questões de comprometimento com a segurança do militar ou das operações (BRASIL, 2022).

Em um episódio ocorrido em 2012, a sexta turma do Tribunal Regional Federal da 2ª região (TRF2) garantiu a uma candidata o direito de continuar no processo seletivo da Força Aérea Brasileira (FAB) após ser excluída do mesmo devido à presença de uma tatuagem em sua nuca. A Aeronáutica justificou a exclusão com base em uma instrução técnica que condiciona a aprovação médica à ausência de qualquer tatuagem que prejudique os padrões de apresentação pessoal no uso dos uniformes. Na decisão, o desembargador do TRF2 enfatiza que o critério da Aeronáutica é:

preconceituoso, discriminatório e desprovido de razoabilidade, afrontando, inclusive, um dos objetivos fundamentais do País, consagrado na Constituição federal, no sentido de promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (TRF2, 2012).

Em 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF), por meio do Recurso Extraordinário 898.450, decidiu, por 7 votos favoráveis e 1 contrário, que a proibição de tatuagem em candidatos de concursos públicos é inconstitucional. O relator, Luiz Fux, afirma que “Editais de concurso público não podem estabelecer restrição a pessoas com tatuagem, salvo situações excepcionais em razão de conteúdo que viole valores constitucionais”. (BRASIL, 2016). Em relação a tatuagens consideradas “obscuras”, o relator indica que elas devem passar pelo “*Miller Test*”, que possui 3 requisitos que repugnam a forma de pigmentação:

o homem médio, seguindo padrões contemporâneos da comunidade, considere que a obra, tida como um todo, atrai o interesse lascivo; (ii) quando a obra retrata ou descreve, de modo ofensivo, conduta sexual, nos termos do que definido na legislação estadual aplicável, (iii) quando a obra, como um todo, não possua um sério valor literário, artístico, político ou científico (p.26)

Ainda em suas considerações, o ministro cita que não há razoabilidade de restrição à candidatos que preteiam funções públicas por possuírem tatuagens, sendo ato discriminatório e sem justificativa racional. Então, desde que não expresse ideologias terroristas, extremistas e contrárias às instituições democráticas ou que incitem violência, criminalidade, discriminação e preconceito por raça, sexo e demais intolerâncias, a tatuagem é compatível ao exercício de cargo público.

Como anteriormente dito, a opção pela tatuagem relaciona-se, diretamente, com as liberdades de manifestação do pensamento e de expressão (CRFB/88, artigo 5º, IV e IX). Assim, ninguém pode, ressalvadas hipóteses muito excepcionais que mais adiante serão expostas, ser punido por tal fato, sob pena de flagrante ofensa aos mais diversos princípios constitucionais inerentes a um Estado Democrático de Direito (op. cit., p. 10)

Existem alguns projetos de leis que, de alguma forma, pensam na tatuagem como uma possibilidade dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) para fins diversos. Na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) houve discussões sobre a possibilidade do SUS realizar a remoção de tatuagens por motivos vexatórios e em casos de pessoas que passaram em concursos pudessem assumir a vaga caso no edital constasse a proibição do corpo tatuado (Barreira, 2018). Já na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP), se discute o Projeto de Lei nº 653/2019 que prevê a possibilidade do SUS disponibilizar procedimento para a realização de tatuagem para mulheres vítimas de violência (traumas, mastectomia, queimaduras e violência doméstica) a fim de cobrir cicatrizes (ALESP, 2021).

Não existiram leis que criminalizaram a tatuagem e o sujeito tatuado. O modelo legal seguiu o procedimento de mimetização da discriminação, estabelecendo por legislações “menores” as restrições ao uso da tatuagem. O discurso pseudocientífico, o poder público e as elites econômicas, foram os principais responsáveis por perseguir e marginalizar pessoas que tivessem se tatuado ao longo da primeira metade do século passado. Prender tatuados foi mais um dos métodos utilizados para excluir e perseguir as classes populares.

Com sua popularização e a variação classista ocorreu também uma mudança de percepção sobre a tatuagem, sobre os tatuadores e sobre o corpo tatuado. Mais à frente, esse debate retornará para a compreensão das representações sociais sobre a tatuagem na atualidade.

Tatuar-se é lembrar, é ter saudade, é amar, é ter fé, é sexual, é sinal de valentia, é pertencer ao grupo ou querer pertencer ao grupo, é um castigo, é

um ódio, é um lamente. É enfeite, é beleza, sedução. É ritualístico. É humano. Aquilo que se vive em certo período, principalmente na juventude, e se quer para sempre, mas “o para sempre, sempre acaba” e essa recordação indelével toma um determinado capítulo da vida não necessariamente importante, mas recordável de forma permanente. Mesmo quem tenta apagar a tatuagem ganha no lugar uma cicatriz (Jeha, 2019, p.18).

2 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS AO CORPO

2.1 Os estudos da Psicologia Social

A criação do laboratório de psicologia em Leipzig na Alemanha na segunda metade do século XIX tinha por objetivo a criação de uma ciência positiva sobre o comportamento humano, capaz de afirmar leis e princípios gerais que fariam da psicologia um conhecimento universal e capaz de descrever e explicar comportamentos. Wilhelm Wundt, foi o fundador desse laboratório e desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de diversas pesquisas em Psicofisiologia, utilizando métodos experimentais para compreender os processos sensoriais, bem como as sensações subjetivas e perceptivas em seres humanos. Entretanto, Wundt reconheceu algumas limitações da psicologia experimental em relação aos estudos de processos mentais mais profundos, de forma que a aproximação da psicologia experimental com as ciências naturais não era suficiente para a compreensão desses processos. Dessa forma, Wundt percebeu a necessidade de uma reaproximação com a filosofia, juntamente com a incorporação de estudos sobre a cultura, aproximando assim a Psicologia das ciências humanas e sociais (Farr, 2004).

A inserção da Psicologia nas ciências humanas e sociais provocou teorias que abrangem tanto o individual quanto o coletivo, passando a ser cada vez mais frequentes. Émile Durkheim (2004), ao formular a teoria do fato social e destacar a distinção entre representações coletivas e individuais, diferenciou também o escopo de estudo da sociologia e da psicologia, assinalando as representações coletivas como uma área de análise específica da sociologia e as representações individuais da psicologia. Outros autores de notável importância nos séculos XIX e XX, provenientes de diversas disciplinas acadêmicas, como Freud, Le Bon, McDougall, Mead, Allport e De Saussure, exploraram em suas obras questões relacionadas tanto ao indivíduo quanto ao coletivo, tecendo sobre os entrelaçamentos que posteriormente viria a ser chamado de psicologia social (Farr, 2004).

Jovchelovitch (2004) concebe a psicologia social como uma ciência do "entre", na qual a área de estudo não se limita ao indivíduo nem à sociedade, mas abrange tudo o que está situado entre esses dois polos. Isso contribui para a produção de conhecimento e para debates sobre temas como representações, identidade, discurso, linguagem, entre outros, explorando suas interrelações e, ao mesmo tempo,

compreendendo como esses elementos constituem a vida e o contexto cotidiano na sociedade.

Ao longo do século XX, duas abordagens distintas na compreensão e produção de conhecimento em psicologia social se estabeleceram: a perspectiva psicológica e a sociológica. A abordagem psicológica, amplamente difundida nos Estados Unidos, influenciada pelo positivismo e pragmatismo norte-americanos, desenvolveu-se predominantemente com base nas teorias da psicologia comportamental e do cognitivismo. Essa abordagem produziu experimentos, estudos e teorias focadas principalmente nas atitudes dos indivíduos em relação às situações cotidianas da sociedade. Por outro lado, a abordagem sociológica ganhou destaque principalmente na Europa, sob a forte influência da tradição de sociólogos franceses, dedicando-se à pesquisa das complexas relações entre sociedade, cultura e indivíduo (Farr, 2004).

Em relação à concepção sociológica da psicologia social, algumas teorias e métodos se destacaram e consolidaram-se como uma forma de pesquisa em psicologia. Uma dessas teorias foi desenvolvida por Serge Moscovici em 1961, que, promoveu uma releitura das representações coletivas de Durkheim e constituiu a Teoria das Representações Sociais. Embora tenha alcançado destaque apenas alguns anos depois, a teoria foi categorizada como uma abordagem sociológica na psicologia social. Ela se estabeleceu como uma nova possibilidade de investigação na psicologia, representando uma crítica à psicologia social psicológica, então dominante. Esta última caracterizava-se por uma perspectiva cognitivista, de natureza individualista e, em certa medida, acrítica (Farr, 2004).

Celso Sá (1993) explora de maneira mais aprofundada essas críticas, identificando diferenças fundamentais entre a psicologia social psicológica e a psicologia social sociológica:

Em uma psicologia social mais socialmente orientada, é importante considerar tanto os comportamentos individuais quando os fatos sociais (instituições e práticas, por exemplo) em sua concretude e singularidade histórica e não abstraídos como uma genérica presença de outros. Importam ainda os conteúdos dos fenômenos psicossociais, pouco enfatizados pelos psicólogos sociais tradicionais em sua busca de processos tão básicos ou universais que pudessem abrigar quaisquer conteúdos específicos. Além disso, não importa apenas a influência, unidirecional, dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, mas também a participação destes na construção das próprias realidades sociais (p. 20).

Na introdução do livro "Representações sociais: investigações em psicologia social", publicado por Moscovici, Duveen (2007) explica que, para a construção de

uma psicologia social do conhecimento, não se deve considerar o conhecimento reduzido à uma descrição ou replicação simplificada de um saber existente. Pelo contrário, deve-se compreendê-lo como algo produzido por meio das interações e comunicações decorrentes dos interesses humanos, como afirma Duveen, “uma psicologia social do conhecimento concentra-se nos processos pelos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social” (p. 9).

A psicologia social tem como objeto de estudo o acontecimento social e os processos relacionais que ali ocorrem e, para essa análise, é essencial estabelecer um diálogo com outras ciências sociais e humanas para enriquecer a análise e compreensão dos fenômenos psicossociais presentes no cotidiano. Essa abordagem possibilita a realização de análises sobre o pensamento social e as representações sociais (Castro, 2014). Nesse mesmo sentido, Moscovici (2007) explica o que, para ele, é a principal tarefa da psicologia social:

Na minha opinião, a tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto. Nenhuma outra disciplina dedica-se a essa tarefa e nenhuma está melhor equipada para isso. Foi, de fato, à psicologia social que Durkheim confiou essa tarefa (p.41)

A teoria das representações sociais emerge como uma forma significativa de estudo na psicologia social. O diálogo com diversas áreas de conhecimento é ressaltado por Castro (2005), que enfatiza a necessidade dessa aproximação para a compreensão de uma representação social:

As representações sociais possibilitam à psicologia social este deslocamento de sentidos, principalmente porque produz, como objeto para a investigação e análise, um contorno que necessariamente transcende a psicologia como matriz exclusiva. É preciso, para nos aproximarmos de uma representação social, dialogar com a cultura, com a história, com a comunicação, com a linguística, com a antropologia, com a estética (p.206).

Em sua história, a psicologia social abrange diversas teorias, campos de estudo, orientações metodológicas e experimentais. Apesar de sua polissemia conceitual e metodológica esses estudos compartilham o objetivo comum de compreender as relações entre o indivíduo e a sociedade. Escolhemos a Teoria das Representações Sociais como referência teórica para tratar do objeto de pesquisa dessa dissertação, considerando-a adequada por identificar processos psicossociais de compartilhamento, de atribuição de valor e de abrangência para abordar fenômenos contemporâneos que ocorrem no cotidiano.

2.2 A teoria das representações sociais

Serge Moscovici inaugura, na França, uma nova teoria e abordagem de pesquisa em psicologia social ao apresentar sua tese de doutorado em 1961, que mais tarde se tornaria o livro "La Psychanalyse, son image et son public" (1976), denominada Teoria das Representações Sociais. Ao desenvolver sua própria teoria, Moscovici retoma, atualiza e reformula o conceito de Durkheim sobre representações coletivas, conceito que explica que as construções coletivas em uma sociedade são percebidas como externas e autônomas em relação às interações individuais. Em sua atualização, Moscovici apresenta as representações sociais como um fenômeno de caráter psicossocial que emerge nas sociedades contemporâneas e como resultado da construção social do conhecimento constituído nos grupos concretos da sociedade, por meio das interações entre seus membros na vida cotidiana (Sá, 2018).

A teoria das representações sociais teve um papel significativo na produção de conhecimento acadêmico ao demonstrar que as sociedades pensam e constroem coletivamente as realidades nas quais seus membros conhecem e estão inseridos. A reinterpretção dos conceitos de Durkheim por Moscovici possibilitou a inclusão da vida cotidiana e suas múltiplas complexidades na produção de conhecimento. As contribuições dessa teoria não apenas abriram novas perspectivas para pensar e analisar fenômenos específicos, mas também estimularam a realização de diversas pesquisas inovadoras no âmbito da psicologia social e nas ciências humanas de maneira mais ampla (Castro, 2014).

A Teoria das Representações Sociais são construções complexas. Segundo Sá (2018), a decisão deliberada de Moscovici de não propor uma definição absoluta e fechada compreendia que o novo campo de conhecimento estava aberto em consonância com as teorias psicossociais que não se pretendiam totalizantes.

Moscovici (2007) explica as representações sociais como resultantes das interações e compartilhamentos entre distintos sujeitos, destacando que essas representações não podem ser concebidas por um único indivíduo, sendo essencial a interação e relação entre eles: "Todas as interações humanas, seja entre duas pessoas ou dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza" (p. 40).

Jovchelovitch (2004) destaca a polivalência do conceito de representações,

derivada de uma construção ontológica, epistemológica, psicológica, social, cultural e histórica. Esses elementos, interrelacionando-se de maneira simultânea, só podem ser compreendidos a partir das condições dessa interação, formando assim o sistema representacional.

Este processo é ontológico na medida em que tem um papel constitutivo na emergência do sujeito humano como um ser que representa a si mesmo e, portanto, possui uma identidade. É epistemológico na medida em que permite o (re)conhecimento: o saber sobre o objeto — tanto o Eu como um objeto para si mesmo como o objeto-mundo. Ele é um processo psicológico na medida em que se estrutura e se manifesta como processo psíquico suscetível aos estratagemas da paixão, da ilusão e do desejo. É um processo social porque o intersubjetivo é sua condição de possibilidade e sua matéria advém da inteligibilidade da história e da cultura (p.23).

Celso Sá, em uma publicação pioneira do primeiro livro brasileiro sobre o campo das representações sociais, datada de 1993 e organizada por Mary Jane Spink, intitulado "O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social", esclarece diversos conceitos e definições relacionados à teoria das representações sociais. O objetivo principal era apresentar esse novo campo que estava ganhando relevância no Brasil. De acordo com o autor: "O termo Representações Sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos" (1993, p. 19).

A definição formulada por Denise Jodelet, uma das principais colaboradoras de Moscovici e uma figura crucial na disseminação da teoria na América Latina que, em 1984, apresenta uma formulação mais sintética e definitiva sobre a teoria, conforme apontado por Sá (2018, citando Jodelet, 2001): "a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (p.22).

As representações sociais são construídas nas relações no cotidiano, sendo o conhecimento gerado por indivíduos que compartilham espaços e ambientes sociais. Esse conhecimento é partilhado de maneira a promover aproximações e semelhanças nos pensamentos e discursos de diferentes sujeitos e grupos em relação a determinado tema. Esse processo, conforme aponta Sá (2015), constitui a explicação psicossocial da origem das representações sociais acerca de um fenômeno específico. Moscovici (2007) emprega o termo "sociedade pensante" para descrever o modelo de comunicação no qual ocorre a elaboração de um conhecimento compartilhado na sociedade.

Quando analisou as representações sociais da psicanálise, Moscovici (2012) identificou que conceitos da teoria psicanalítica apropriado por laicos sofrem transformações e permitem a produção de novos saberes sobre determinados fenômenos e objetos, fazendo descobertas. As comunicações, teorias e formulações compartilhadas convertem-se em uma representação partilhada do senso comum, com seu próprio estilo e conteúdo distintivo. Portanto, os indivíduos que compõem a sociedade são considerados pensadores ativos que contribuem para a produção de conhecimento sobre o fenômeno inicial, constituindo assim uma representação social.

A partir da teoria das representações sociais, é possível identificar duas formas distintas de conhecimento em nossa sociedade: o conhecimento do senso comum e o conhecimento considerado acadêmico. Moscovici categoriza essas diferentes formas de saber em dois universos separados: universos consensuais e universos reificados. Sá (2015) define universos consensuais e reificados como:

Nos últimos, bastante circunscritos, é que se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com sua objetividade, seu rigor lógico e metodológico, sua teorização abstrata, sua compartimentalização em especialidade e sua estratificação hierárquica. Aos universos consensuais correspondem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais (p. 192).

Uma representação é formada somente quando algo novo, inicialmente desconhecido é integrado aos universos consensuais. Isso implica que o novo objeto, inicialmente estranho, torna-se socialmente conhecido e concreto para diversos sujeitos e grupos da sociedade. O papel de absorção, transferência e transformação desse novo conhecimento originário dos universos reificados é desempenhado por diversos agentes, como as mídias de comunicação, divulgadores científicos, professores, filósofos, jornalistas, entre outros (op. cit.).

É no cotidiano que ocorrem as formulações e o compartilhamento de pensamentos sobre determinado fenômeno, sendo este o contexto no qual as representações sociais acontecem. Nesse sentido, conforme apontado por Moscovici (2007), a finalidade das representações é tornar familiar algo inicialmente desconhecido, não familiar ou a própria não familiaridade em relação a um objeto específico. As representações sociais ocorrem através de dois processos: a ancoragem e a objetivação:

O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria, ou o

comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores. O objetivo do segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico (p.60-61)

O processo de ancoragem refere-se à introdução e assimilação de um novo objeto no imaginário e na memória das pessoas, tornando-o familiar. Esse processo permite a denominação e a capacidade de classificá-lo de acordo com as categorias existentes no conhecimento prévio do sujeito e nas interações sociais. Por outro lado, a objetivação é o processo que confere concretude a algo abstrato, transformando o objeto ancorado em uma imagem. Este processo privilegia informações e simplifica-as conforme o contexto do conhecimento prévio dos sujeitos ou grupos. Dessa forma, a objetivação transforma o objeto, anteriormente abstrato e complexo, em uma imagem concreta, aproveitando a familiaridade adquirida no processo anterior de ancoragem (Trindade; Santos; Almeida, 2014).

Em síntese, ancorar é classificar e dar nome a algo não existentes em nossa realidade, que não possui nome ou classificação, enquanto a objetivação une é o processo que transforma a não familiaridade em algo concreto (Moscovici, 2007). Os processos de ancoragem e objetivação ocorrem considerando sempre a história, a memória, o passado e a tradição. Ao introduzir e agregar novos elementos à realidade consensual, possibilitam a emergência de novas representações sobre determinado fenômeno. Essas representações têm a capacidade de provocar mudanças no sistema de pensamento social existente, contribuindo para a construção e a modificação do entendimento sobre o mundo (Sá, 2015).

As representações sociais atuam tanto no plano individual quanto no plano coletivo ao constituir e incorporar novas percepções e pensamentos que são compartilhados no cotidiano acerca de determinado objeto:

No plano individual, eles são tidos como baseados nos pertencimentos sociais, no lugar nas relações sociais, nas trocas intersubjetivas e induzindo a engajamentos ideais e práticos. No coletivo, correspondem a visões compartilhadas, comuns a uma formação social, e nelas disseminadas por meio das comunicações. O que leva a concentrar a ênfase no pensamento social, como uma construção mental de objetos do mundo e fonte de formas de vida que afetam o devir social (Jodelet, 2017, p.24).

As formas de saber prático, resultantes das representações sociais, são atravessadas pela relação indissociável entre um sujeito social e um objeto, fazendo com que os conhecimentos que ocorrem no cotidiano produzam comportamentos e ações na sociedade:

Um texto publicado em 1989 sobre a extensão desse campo, retomado e atualizado, mostra que as representações como *formas de saber prático* implicam duplamente uma relação indissociável entre um sujeito, que é sempre social: por sua inscrição social e por sua ligação ao outro, e um objeto que, simbolizado pela representação, é construído e interpretado pelo sujeito ao se referir a ele. Por sua orientação prática, essas formas de saber têm efeitos sobre os comportamentos e ações, o que lhes confere uma eficácia social (2017, p.31)

Em seu trabalho inaugural, Moscovici (1961/2012) descreve como os conhecimentos sobre conceitos da teoria psicanalítica, criada e desenvolvida por Freud, na Áustria, havia sido apropriado e modificado na população francesa. Moscovici investigou como certos conceitos e termos da psicanálise, que possuem um elevado grau de complexidade, como as neuroses e o complexo de Édipo, estavam presentes no cotidiano da população francesa. Essas pessoas utilizavam esses termos em situações do dia a dia, atribuindo-lhes significados simplificados e distintos daqueles propostos por Freud.

A teoria psicanalítica corresponde, assim, aos universos reificados, sendo um conhecimento inicialmente produzido e compartilhado por psicanalistas e estudiosos da psicanálise, da psicologia e das ciências humanas. Com a sua popularização, impulsionada pela mídia, os conceitos psicanalíticos foram reconstruídos nos universos consensuais. Esse processo transformou o que era desconhecido e não familiar em algo passível de ser reconhecido e categorizado por sujeitos e grupos, por meio do processo de ancoragem. Assim, conceitos como neurose, inconsciente, recalque e complexo simplificaram-se, permitindo a criação de imagens concretas sobre esses temas e sua incorporação na realidade cotidiana da população, através do processo de objetivação. Ao ser compartilhado no cotidiano entre sujeitos e grupos, que elaboram suas teorias e explicações sobre os conceitos provenientes da psicanálise, os termos psicanalíticos adquirem significados e explicações de uma série de fenômenos e objetos do cotidiano.

É importante ressaltar que as representações sociais carregam consigo a história e as memórias de determinados eventos, permitindo afirmar que uma representação não é rígida ou imutável. Elas podem funcionar como sistemas receptivos para novas representações (Sá, 2015), e “uma vez criadas, adquirem uma vida própria. Circulam, encontram-se, atraem-se, repelem-se e proporcionam o surgimento de novas representações, ao passo que as antigas vão se desvanecendo” (Moscovici, 2007, p.41). Sobre essa historicidade que envolve as representações

sociais, Jodelet complementa que:

As representações sociais estão na história e têm uma história: evoluem na medida das mudanças intervenientes nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias históricas que afetam os contextos em que se desenvolvem, nos agentes que as forjam a partir de sua experiência e de sua inserção em uma rede de vínculos sociais e intersubjetivo (p.27).

Entretanto, é fundamental destacar que nem tudo pode ser automaticamente classificado como uma representação social. Sá (1998) destaca a necessidade de uma relevância social específica do objeto em estudo para que seja considerado uma representação social. Para ilustrar esse ponto, Sá menciona um questionamento recebido sobre esse aspecto:

“Então, tudo é representação social? Há representações sociais de tudo? Da mosca, do Presidente Sarney, e assim por diante?” Conseguimos resolver o problema, na ocasião, respondendo que para gerar representações sociais o objeto deveria ter suficiente “relevância cultural” ou “espessura social”. (p. 45)

Para que haja um objeto de interesse a ser estudado pela teoria das representações sociais, é necessário que o grupo social em questão tenha alguma relação de interesse com o objeto. É crucial observar que nem sempre um determinado grupo social possui uma representação sobre o objeto de estudo, mas é possível que outro tenha (op. cit.).

A teoria das representações sociais recebeu algumas complementações propostas pelos colaboradores de Moscovici, resultando no desenvolvimento de diferentes abordagens metodológicas e formas distintas de análise das representações. Três abordagens complementares podem ser consideradas como as principais: a estruturalista, a societal e a processual.

A abordagem estruturalista (Aix em Provence) liderada principalmente por J.C. Abric, C. Flement e J. Vergès concentra-se na identificação de estruturas nos discursos dos participantes das pesquisas, por meio da análise das relações semânticas isoladas. O objetivo principal é identificar o núcleo central e periférico das representações sociais, pois, para essa abordagem, a análise das estruturas da representação em sua concretude parte do núcleo central. A abordagem societal (escola de Genebra) liderada por W. Doise, propõe o estudo da gênese sociocognitiva das representações sociais em quatro níveis: individual, intergrupar, social e ideológico. O objetivo de Doise era conectar o individual ao coletivo, destacando o papel das dinâmicas sociais como orientadoras dos processos que os indivíduos

utilizam para viver em sociedade. Há também a abordagem processual (escola de Paris), representada por Denise Jodelet, que adota uma perspectiva mais simbólica e antropológica, empregando predominantemente métodos qualitativos. Essa abordagem pode ser considerada a mais próxima das ciências sociais e também mais alinhada à perspectiva inicial proposta por Moscovici (Almeida, 2009; Jodelet, 2011; Sá, 2015).

Em relação à abordagem estrutural, Sá (2002) afirma que: "A teoria do núcleo central não pretende substituir a abordagem teórica primeira (...), mas sim proporcionar um corpo de proposições que contribua" (p. 51). Essa afirmação de Sá pode ser estendida também para as outras abordagens, evidenciando que não há perspectiva ou objetivo de superar a teoria geral.

A articulação entre os elementos afetivos, mentais e sociais, e a integração com os estudos da cognição, linguagem e comunicação, é fundamental para o entendimento das representações sociais. Para compreender as representações como um campo do saber prático, é preciso responder a três perguntas: Quem sabe, e a partir de onde sabe? O que e como se sabe? Sobre o que se sabe e com que efeito? (Jodelet, 2001). Na abordagem processual, difundida principalmente por Jodelet, a preocupação principal é a gênese e os processos de elaboração de uma representação, complementando-se na busca do princípio que estrutura esse sistema, seus organizadores socioculturais, atitudes e modelos normativos. Além disso, essa abordagem possibilita uma multiplicidade metodológica, permitindo a realização de entrevistas, questionários, observações, pesquisas documentais e até mesmo o tratamento de textos (Arruda, 2002).

Nesse sentido, devido à proximidade com as ciências sociais e às possibilidades metodológicas oferecidas pela abordagem processual, juntamente com o fato de Denise Jodelet já ter apresentado trabalhos sobre as representações sociais do corpo, a abordagem que orientará as análises neste trabalho será a abordagem processual. A oportunidade de diálogo com a antropologia, cultura, história, sociologia, artes, entre outras disciplinas, permite uma análise abrangente sobre o corpo e o fenômeno das tatuagens. Os aspectos metodológicos serão abordados posteriormente; entretanto, antes disso, é necessário formular uma base teórica sobre o corpo e sua relevância na cultura contemporânea.

2.3 Dos estudos sobre o corpo

O corpo é o eixo principal das relações com o mundo e é através dele que o sujeito se apropria da substância de sua vida, onde nascem e se propagam significações existenciais e se compartilha sistemas simbólicos com outros membros de sua própria comunidade (Le Breton, 2007). Estudar sobre o corpo é uma forma de compreender a relação do sujeito com sua própria existência e as suas relações com o outro e com o mundo. Desde a antiguidade, o corpo é percebido como um relevante objeto de estudo, seja para filósofos, ou em estudos sociológicos e antropológicos, textos literários, conceitos psicológicos ou até mesmo no conhecimento do senso comum, dá-se ao corpo um *status* único na relação do sujeito com o mundo pois é, ao mesmo tempo, um objeto privado e público que abrange, concomitantemente, saberes das áreas das ciências humanas, sociais e naturais (Jodelet, 1984; 1994).

Pierre Bourdieu (2001) cita o movimento filosófico escolástico como uma forte influência na concepção da separação entre corpo e alma, em que as visões mentalista e dualista (corpo-mente, espírito-matéria) percebem o corpo enquanto exterioridade, distinguindo, por um lado, o homem, por outro, seu corpo. Nas palavras de René Descartes (2005), em sua sexta meditação, o filósofo afirma a não necessidade da existência do corpo para que a alma, ou alguma essência, exista:

E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele (p.118)

O pensamento de Descartes (1596-1650) teve grande influência sobre a visão do corpo no século XVII possibilitando a disseminação de estudos sobre o corpo e seu funcionamento orgânico. Le Breton (2003) afirma que a visão de Descartes prolongou historicamente, nas mais diversas áreas do saber, principalmente nas áreas biomédicas, a dissociação implícita do homem com seu corpo. Este último, despojado de valor próprio, de forma a desligar a inteligência do homem de sua carne, tornou o corpo apenas um invólucro mecânico da alma; alma essa que seria a verdadeira responsável pelos pensamentos e a essência do homem.

Maurice Merleau-Ponty (1999) foi um dos significativos argumentadores em antagonismo sobre o pensamento de Descartes acerca da separação entre corpo e alma. Merleau-Ponty afirma que “o corpo é nosso ancoradouro em um mundo” (p. 200) e “eu não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo” (p. 207-208), para demarcar a existência a partir do corpo. Dessa forma, “o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara” (p.269).

Bourdieu (2001) faz duras críticas sobre o dualismo cartesiano quando afirma que “esses filósofos cartesianos que, sentindo-se na impossibilidade de dar conta da eficácia exercida sobre o corpo, de lograr um conhecimento intelectual da ação corporal, veem-se forçados a atribuir a ação humana a uma intervenção divina” (p.163). Marcel Mauss, em sua abordagem monista, quando define o Homem Total, relacionando as esferas psicológicas, biológicas e sociológicas, descarta a possibilidade da separação cartesiana: “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (2018, p. 401).

O corpo é o local de encontro entre o indivíduo e a sociedade e, dessa forma, está sujeito a um processo de socialização cujo produto é a própria individuação forjada nas e pelas relações sociais, sendo o corpo, dessa forma, um portador de *habitus* (Bourdieu, 2001), conceito esse definido por Bourdieu como um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2007a, p. 191). Em outras palavras, esse corpo se torna um portador de *habitus* porque ele é constituído a partir de condições materiais e culturais, numa relação dialética, ou seja, o corpo é social. Nesse ponto, a própria individualização faz parte da socialização, portanto, o *habitus*, engloba o individual e o coletivo (Medeiros, 2011).

Partindo da proposta do corpo socializado na cultura, Lima (2013) cita Pierre Bourdieu ao explicar uma dimensão mais profunda do entendimento do corpo para além de um objeto, em que esse corpo traz um mundo de significações consigo:

Pierre Bourdieu defende a ideia de se tratar o corpo socializado não como um objeto, mas como o depósito de uma capacidade gerativa e criativa por meio

de disposições incorporadas e transformadas em posturas corporais que nos leva a compreender de que maneira o homem se socializa. O corpo não é, pois um objeto. Sua imagem é o conceito e a vivência que se constrói sobre o esquema corporal, trazendo consigo o mundo das significações, e na imagem estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo em movimento, que repousa e que simboliza. (p.3)

Bourdieu (2001) demarca o corpo como local de presença e pertencimento no mundo, de modo em que as diferentes formas de se portar e comportar são transformadas e influenciadas nas relações com o mundo social. Nesse sentido, modificar o próprio corpo é um investimento nas relações sociais, como pontua o autor:

O grau em que o corpo é investido nessa relação constitui de certo um dos principais determinantes do interesse e da atenção que se acham nele mobilizados, bem como da importância – mensurável por sua duração, sua intensidade etc. – das modificações corporais dela decorrente (p. 172).

As possibilidades do corpo numa sociedade aumentam ainda mais quando se pensa nesse corpo como local possível de transformações. O corpo é como um produto social atravessado por hábitos de consumo, gostos e vivências; os *habitus* derivados das condições sociais de existência (Medeiros, 2011).

Spink (1993) aponta o estudo do contexto como fundamental na Teoria das Representações Sociais e, utilizando do conceito de Bourdieu, afirma as representações como “campos estruturados pelo *habitus* e pelos conteúdos históricos que compõem o imaginário social seja porque são estruturas estruturantes desse contexto e, como tal, motores da mudança social (p. 9)”. Jovchelovitch (2004) complementa a importância do corpo ao afirmar que a psicologia deve considerar a corporificação das estruturas psíquicas pois, afinal, a gênese do pensamento e do saber do ser humano se encontra na ação do corpo.

Em estudo longitudinal realizado por Jodelet (1984), é analisada a mudança sobre as representações sociais do corpo a partir de dois estudos comparativos, sendo a primeira pesquisa realizada em 1960 e a seguinte em 1975. O corpo, impactado pelas mudanças sociais e culturais durante uma década e meia, deixou de ser visto como pertencente a materialidade das ciências naturais e medicina e passou a ser percebido, pelos participantes da pesquisa, como um corpo social e psicológico, decorrente das mudanças culturais e de suas práticas corporais. Camargo, Justo e Jodelet (2010) explicam os resultados da seguinte forma:

a primeira amostra representou o corpo em termos de um dualismo entre mente e corpo, resultado das restrições morais, físicas e sexuais. Já na segunda amostra, foi evidenciada uma modificação, o corpo passa a ser visto enquanto psíquico e produto social, mais livre para a expressão da vivência prazerosa e privada (p.450).

Outras mudanças evidentes sobre as representações sociais do corpo ocorreram a partir de uma visão hedonista, na qual os sujeitos passaram a investir sua subjetividade no corpo, compreendendo a imagem corporal como mediadora do vínculo e da integração social. O papel que as mediações sociais decorrentes da aparência física também são abordadas nas pesquisas de Jodelet. É observado que há uma inferência de características e traços de caráter moral e social que orientam julgamentos a partir da observação da aparência das pessoas (Jodelet, 1994).

De modo geral, o corpo ao longo da história passou por diversas transformações sobre sua concepção social na perceptiva ocidental. Foi, por muito tempo, um corpo sacralizado como um corpo religioso e cristão. Na idade média, esse corpo, determinado pela Igreja Católica, e com a separação entre corpo e alma, passou a ser um local pecaminoso, culpado, perverso, que anseia por purificação onde a salvação da alma abjura desejos e prazeres carnis. Durante a Renascença o corpo se torna objeto de estudo e de representações artísticas, além de uma visão mais funcional. Durante a revolução industrial, esse corpo vira uma força de trabalho. E por fim, o corpo contemporâneo possui uma preocupação com a beleza, com o prazer; uma busca pelo hedonismo se faz um fator relevante nesse corpo (Maroum; Vieira, 2008). A pesquisa de Jodelet (1984) demonstra como em um espaço de tempo relativamente curto, quinze anos, uma representação social, nesse caso sobre o corpo, pode ser modificada e alterada ao ser atravessada pelos contextos históricos e culturais de uma sociedade.

Por estar inserido dentro da lógica do modelo capitalista, o corpo na contemporaneidade é atravessado por suas questões. As propriedades corporais (forma do corpo, altura, peso, postura, andar, conduta, tom de voz e o estilo de falar) são percebidos enquanto capital que aumenta o valor do corpo e, conseqüentemente, auxilia na obtenção de lucros sociais (Lima, 2013). Nesse mesmo sentido, Bourdieu afirma que “Com efeito, a garantia que dá a certeza de seu próprio valor e, em particular, do valor de seu próprio corpo ou de sua própria linguagem, é intimamente associada à posição ocupada no espaço social” (2007b, p. 194). A partir desse capital corporal, o corpo fica submetido ao capitalismo, onde se tem como objetivo o lucro e

eventuais ganhos sociais através de sua imagem e desempenho. Portanto, faz-se necessário um investimento crescente nesse corpo (Medeiros 2011).

Jean Baudrillard (1995), em seu livro “Sociedade do Consumo”, aponta como o modelo capitalista estimulou o surgimento de uma cultura, ou ditadura do bem-estar, responsável por promover percepções de que tanto a felicidade quanto o “bem-estar” são mensuráveis e podem ser conquistados ou adquiridos a partir do seu devido valor. Numa sociedade onde o corpo urge uma necessidade de conservação do belo para manter-se competitivo, gera, conseqüentemente, obsessões estéticas ligadas à um ideal de magreza, de desempenho, de estética, de uma imagem perfeita; cria-se um culto: “o culto ao corpo já não se encontra em contradição com o da alma: sucede-lhe e herda sua função ideológica” (p. 144). O corpo, então, inserido nessa sociedade capitalista que privilegia o consumo, logo se torna uma forma de consumir e de ser consumido, como afirmam Maroum e Vieira: “O corpo é um dos objetos que assume valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando grande interesse das pessoas e da mídia, podendo ser interpelado, também, pela lógica da cultura do consumo” (2008, p. 172).

É possível notar o aumento significativo da importância do corpo na contemporaneidade, ele se tornou um bem de consumo que cada vez mais ganha destaque e cria necessidades de exposição nunca antes vistos. Ao se tornar um patrimônio passível de uma gestão tal qual um imóvel, um carro, ou uma propriedade, o corpo vira um empreendimento a ser administrado de acordo com os interesses do sujeito e de seus pensamentos sobre estética (Le Breton, 2004; 2007).

As modificações corporais ganham cada vez mais popularidade, a técnica milenar da tatuagem se torna uma opção mais acessível, mais procurada e desejada. O corpo passou a ser uma tela a espera de uma pintura, de uma arte, de uma tatuagem.

E é justamente, na superfície da pele, usando o corpo como tela e plataforma privilegiada para comunicação, que esse registro, vem sendo feito – a memória agora reside na superfície. Não à toa, no mundo contemporâneo, toda sorte de marcação corporal: da tatuagem, à escarificação, chegando ao Body Art, vicejou, adquirindo tamanha abrangência e popularidade. (De Vilhena e Novaes, 2015, p.4)

O corpo, dessa forma, é um importante objeto de estudo para a psicologia social. A teoria das representações sociais tem muito a contribuir para compreender sobre esse fenômeno sob a perspectiva de diferentes grupos sociais. Camargo, Alves

e Jodelet (2010) destacam a importância dos estudos da teoria das representações sociais sobre o corpo.

Jodelet (1994) ressalta a importância do estudo do corpo a partir da teoria das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados (p.449).

O estudo realizado por Camargo, Alves e Jodelet (2010), com 443 estudantes universitários, tem como primeiro ponto a ser destacado em suas conclusões as diferenças consideráveis que homens e mulheres têm em relação à autoimagem corporal e à satisfação corporal. Homens, mesmo acima do peso considerado ideal pela Organização Mundial de Saúde (OMS), apresentam um nível de satisfação maior do que as mulheres, que, mesmo com o peso considerado ideal, declaram insatisfação com o próprio corpo. Outro ponto de destaque na pesquisa é o desejo de realização de cirurgias estéticas como possibilidade de atingir padrões corporais para o aumento da autoestima e da satisfação corporal. Além disso, as práticas corporais de cuidado com o corpo evidenciam motivações do indivíduo com seu prazer, mas também se associam às expectativas voltadas ao meio social, onde o corpo é utilizado pelos participantes da pesquisa como um instrumento de facilitação para o sucesso social.

Outros estudos sobre as representações sociais do corpo têm sido produzidos nos últimos anos. Em uma busca realizada no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, três teses e dez dissertações foram encontradas utilizando as palavras chaves “representações sociais” e “corpo” no período entre 2013 e 2023. Foram considerados apenas os trabalhos que explicitamente possuíam em seus títulos as palavras chaves pesquisadas. Os trabalhos apresentam os mais diversos temas, sendo estes acerca de: questões do corpo feminino, sexualidade, velhice, velhice e atividades físicas, doação de órgãos, transtornos alimentares, adolescência e mídias sociais e sobre profissionais e estudantes de educação física.

Ao utilizar as palavras chaves “representações sociais” e “tatuagem”, foi encontrada apenas uma tese intitulada: “Tatuagem: Representações e práticas sociais”, escrita por Adriano Scholösser (2018). O objetivo principal da tese era “Investigar as representações e práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos.” (p. 29). O autor utiliza os seguintes métodos em sua pesquisa: a) revisão da literatura brasileira e estrangeira sobre tatuagem, b)

entrevista qualitativa semi-diretivas com pessoas que possuíam ao menos 1 tatuagem e c) questionário quantitativa com perguntas abertas e fechadas realizadas com participantes com tatuagem e sem tatuagem para analisar e comparar suas práticas sociais referentes ao corpo.

Apenas o segundo estudo da tese de Scholösser (2018) teve como objetivo o estudo das representações sociais sobre a tatuagem. Não foi encontrado nenhuma referência nos bancos de dados pesquisados sobre estudos de representações sociais com tatuadores, o que qualifica a relevância da pesquisa desenvolvida nessa dissertação. Os tatuadores constituem um grupo social determinado que possibilita a identificação e análise de representações sociais. Também tatuadores são, em geral, tatuados e com isso tem uma dupla experiência sobre a prática da tatuagem.

Sá (1998) estabelece que a representação que liga o sujeito ao objeto da pesquisa é um saber que seja efetivamente praticado e detectado em comportamentos e comunicações que ocorram sistematicamente. Dessa forma, o estudo sobre representações sociais sobre a tatuagem, a partir da perspectiva de tatuadores, é uma possibilidade para entendermos o pensamento compartilhado acerca da tatuagem e do corpo entre os profissionais responsáveis por realizar tal modificação.

As representações sociais serão, dessa forma, o norte teórico para a análise das respostas coletadas com o objetivo de compreender os pensamentos compartilhados entre os tatuadores sobre a tatuagem, o corpo e seu trabalho. Os referenciais teóricos sobre o corpo e tatuagem abordados nos dois primeiros capítulos permitirão uma análise e compreensão das representações sociais acerca da arte da tatuagem e seus atravessamentos com o corpo na contemporaneidade.

3 A TATUAGEM E SUAS REPRESENTAÇÕES

O objetivo central da pesquisa realizada é identificar e analisar as representações sociais da tatuagem na perspectiva dos tatuadores. Com relação aos objetivos específicos, buscou-se identificar e analisar como os tatuadores representam também a cobertura e apagamento de uma tatuagem.

3.1 Metodologia

Para atingir os objetivos da pesquisa, elegeu-se a metodologia exploratória qualitativa com a realização de entrevistas roteirizadas com tatuadores que atuam na cidade do Rio de Janeiro. A entrevista foi dividida em dois momentos, sendo a primeira para a caracterização dos sujeitos e a segunda com questões abertas, roteirizadas com base no objetivo da pesquisa, que versaram sobre os seguintes eixos temáticos: tatuagem, corpo e a prática profissional.

Foi entregue aos tatuadores participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo, para a ciência e autorização sobre a pesquisa. Após leitura e assinatura do termo, permitindo o uso das entrevistas, foi solicitado que preenchessem um questionário de caracterização que continha as seguintes informações: idade, gênero, cor/raça, escolaridade, religião, tempo de profissão e quantas tatuagens possui. Com relação a segunda parte, as entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro previamente desenvolvido com sete questões abertas que abordaram os interesses de investigação da pesquisa (ver anexo).

3.2 Coleta de dados

Participaram dessa pesquisa 10 tatuadores que atuam na cidade do Rio de Janeiro. Dois critérios foram estabelecidos para que um tatuador fosse elegível para

participar da pesquisa: a) ser maior de 18 anos e b) possuir no mínimo 2 anos de experiência como tatuador. A primeira condição se deveu a estabelecer a condição de adulto do entrevistado e a segunda para configurar uma prática profissional mais estável.

O recrutamento dos sujeitos da pesquisa foi realizado de três formas diferentes: a) abordando tatuadores, de forma presencial, em estúdios de tatuagem localizados no Centro do Rio de Janeiro e em shoppings da cidade que possuíssem algum estúdio, b) através da rede social *instagram*, utilizando a palavra chave “*tattoo*” e mandando mensagens para aqueles que apareciam no filtro de pesquisa da rede social e que, em seus perfis, constava explicitamente a localidade “Rio de Janeiro” e c) por meio de grupos de tatuadores do Rio de Janeiro na rede social *facebook*. Além disso, utilizando a amostragem de bola de neve que, como explica (Vanuto, 2016), é uma forma útil de estudar grupos de difícil acesso e permite novos contatos potenciais através das indicações de pessoas que conhecessem tatuadores que pudessem ter interesse em participar da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas e ocorrem de forma presencial e *online*, de acordo com as preferências e disponibilidades do tatuador. As entrevistas presenciais foram feitas no próprio estúdio do tatuador, com as devidas atenções para a preservação do sigilo. Já as entrevistas *online* foram feitas utilizando uma ferramenta de vídeo chamada e, nessa modalidade, tanto o TCLE quanto o instrumento de caracterização foram enviados previamente para os entrevistados.

Algumas dificuldades foram encontradas no recrutamento de sujeitos. Em todas as abordagens era realizado uma apresentação pessoal sobre minha condição de mestrando do programa de pós-graduação em psicologia social da UERJ e objetivo da pesquisa, explicando as finalidades, duração estimada e todas as questões que envolviam o sigilo e o TCLE.

De início, a maior parte dos profissionais abordados presencialmente demonstravam interesse em participar da entrevista o que não necessariamente ocorria de fato com as alegações de indisponibilidade de horário. Quando se combinava que se agendaria novamente, em melhor horário, a maior parte dos tatuadores deixava de responder as mensagens enviadas para o agendamento da entrevista.

Em relação aos profissionais abordados através do *instagram*, houve pouco

retorno. A maioria não visualizava a mensagem e, quando visualizava, não respondia. Para os profissionais abordados pelo *Facebook*, alguns manifestaram interesse e realizavam o contato ativo para se disponibilizar. Também ocorreu o fato de alguns dos tatuadores deixarem de responder.

Em todas as mensagens enviadas através das redes sociais identifiquei minha formação e registro profissional.

Nos três métodos de abordagem poucos foram os sujeitos que aceitaram, de fato, o convite. Mas, ainda assim, foram realizadas entrevistas com sujeitos abordados nas três modalidades. Quando foi solicitado que os participantes indicassem outros tatuadores que pudessem ter interesse em participar, apenas 1 indicado pelos tatuadores aceitou o convite e foi entrevistado.

Ao todo, 62 tatuadores foram contactados presencialmente e pelo *instagram*. Pelo *facebook*, foram feitas publicações em um grupo de tatuadores com mais de 9 mil membros e em outro com mais de 4 mil.

Sobre as dificuldades encontradas, uma das entrevistadas afirmou que não costumava olhar as redes sociais e suas mensagens recebidas, pois passava o dia todo tatuando e acabava esquecendo de responder aqueles que não eram clientes. Um outro tatuador disse que, devido ao número de mensagens e interações que recebe diariamente em sua rede social, também não consegue responder todas as mensagens e acaba respondendo apenas potenciais clientes. Algo semelhante parece ter ocorrido na dissertação de Rodriguez (2011), que entrevistou sujeitos tatuados e tatuadores com o objetivo de “investigar concepções, ideias e valores atribuídos à tatuagem atualmente” (p.12). A autora relata, também, ter tido dificuldades em encontrar profissionais dispostos a serem entrevistados, mesmo após apresentar o projeto e explicar todas as questões envolvidas, alguns tatuadores não demonstraram interesse em participar.

É importante ressaltar que possuo algumas tatuagens de fácil visualização, sendo uma delas no pescoço e cinco na região do antebraço. Nas abordagens presenciais, a recepção foi melhor quando os tatuadores reconheciam que eu era tatuado, o que não necessariamente se converteu em entrevistas, apenas ajudou no “quebra-gelo” inicial.

Alguns tatuadores, após as entrevistas, perguntaram sobre minhas tatuagens, e depois de vê-las, queriam saber que profissional havia as feito. Não entrevistei nenhum tatuador que tivesse feito minhas tatuagens, por considerar que a

indiferenciação dos sujeitos teria relevância para o estudo desenvolvido.

3.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Na tabela 1, os sujeitos foram caracterizados por gênero. Não se considerou as orientações sexuais de cada sujeito para sua caracterização. Como a amostra é irrelevante para abordagens estatísticas, observar somente a prevalência de homens sobre as mulheres tatuadoras.

Tabela 1 – Faixa etária x Gênero

Idade	Masculino	%	Feminino	%
18 a 25	0	0%	0	0%
25 a 30	2	20%	2	20%
30 a 35	2	20%	1	10%
35 a 40	1	10%	0	0%
40 a 45	1	10%	0	0%
45 a 50	1	10%	0	0%
Total (n)	7	70%	3	30%

Com relação à autodeclaração de raça/cor, seis sujeitos se declararam brancos, sendo quatro do gênero masculino e dois do gênero feminino, dois tatuadores se declararam pardos, um tatuador se declarou preto e uma tatuadora se declarou amarela. Sobre a escolaridade, três tatuadores, todos do gênero masculino, possuíam ensino superior completo e os outros sete o ensino médio completo.

Tabela 2 – Raça/Cor x Gênero

Cor/Raça	Masculino	Feminino	Total
Branco	4	2	6
Pardo	2	0	2
Preto	1	0	1
Amarelo	0	1	1

Sobre a religião, dois tatuadores declararam serem candomblecistas e um umbandista. Além disso, três participantes declararam não possuir nenhuma religião, dois se identificavam enquanto agnósticos e dois como ateus.

Acerca do tempo de profissão, três tatuadores tinham menos de 5 anos de experiência, cinco tatuadores possuem entre 5 e 10 anos de experiência, um tatuador com 10 anos de experiência e um tem 26 anos como tatuador.

Tabela 3 – Tempo de profissão x Gênero

Tempo de Profissão	Masculino	Feminino
2 a 5 anos	2	1
5 a 10 anos	3	2
10 a 20 anos	1	0
mais de 20 anos	1	0

Tabela 4 – Tempo de Profissão x Idade

Tempo de Profissão	25 a 30	30 a 35	35 a 40	40 a 45	45 a 50
2 a 5 anos	1	1	1	0	0
5 a 10 anos	2	2	0	1	0
10 a 20 anos	1	0	0	0	0
mais de 20 anos	0	0	0	0	1

E sobre a quantidade de tatuagens que possuíam, o número mínimo de tatuagens foi de 3, presentes em dois dos tatuadores. Alguns dos tatuadores tiveram dificuldade em citar o número total, tendo uma das entrevistadas, que possui boa parte do corpo tatuado, não conseguindo quantificar em número. Dois citaram ter por volta de 30 tatuagens, dois relataram ter entre 20 e 30 e um contou o número de 11 tatuagens. Outros dois tatuadores tinham 6 tatuagens.

3.4 Sobre o método

A análise das entrevistas ocorreu utilizando o modelo de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que consiste em investigar o discurso do sujeito para além da sua dicionarização. O sentido do discurso leva em consideração os atravessamentos psicológicos, sociais e históricos presentes na fala do sujeito. O contexto, nesse sentido, é fundamental para a compreensão de uma entrevista, ou seja, é importante a compreensão da frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

Para uma análise de conteúdo, segundo Bardin (2016), é necessário a compreensão do tema, que é a unidade de significação evocados em uma frequência que aponta um objeto a ser analisado presente na comunicação. Além disso, a

utilização do tema possibilita identificar nas comunicações as motivações, opiniões, pensamentos, crenças, valores, etc., sobre determinado fenômeno, sendo uma forma muito utilizada em análise de entrevistas, “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (p.50).

Bakhtin (2006) define o sentido completo de uma enunciação como tema, que deve ser “como o instante histórico ao qual ela pertence” (p.123). A significação é definida pelo autor como “por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (p.123). Nesse sentido, Bakhtin caracteriza que o tema e a significação existem concomitantemente, sendo impossível definir suas fronteiras. Entretanto, o tema se configura como uma enunciação irreduzível à análise e somente as significações presentes na enunciação podem ser analisadas, em conjunto com as significações dos elementos linguísticos que lhe constituem. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema de enunciação. Bakhtin estabelece ainda uma disputa semiótica nas significações e atribuições de sentido, o que caracteriza que sob um mesmo tema não há nem argumentação e nem significação única.

A partir da análise das entrevistas e seguindo as proposições da análise de conteúdo de Bardin (2016) e os aprofundamentos sobre tema em Bakhtin (2006), duas macro unidades temáticas foram identificadas: memória e estética. Dentro de ambos os temas ocorreram associações sobre conceitos da tatuagem, motivações de se tatuar, questões acerca do corpo e a prática de cobertura de uma tatuagem. Para a análise das unidades temáticas, recorreu-se à autores da psicologia, psicologia social, sociologia, antropologia e filosofia de notório conhecimento sobre os temas a serem abordados.

As macros categorias temáticas serviram de categorias classificatórias com o objetivo de reunir sob elas os discursos e referências dos entrevistados. Optamos por subdividi-las no decorrer da análise para a melhor compreensão das representações. As categorias conceituais, de diferentes campos de saber analogicamente dispostos em possibilidade de diálogo com a Teoria das Representações Sociais, foram as utilizadas para após a identificação das representações constituir campos de análise, de atribuição de sentido e de interpretação.

Durante toda a análise dos dados estas relações metodológicas serão ressaltadas permitindo as correspondências com o campo teórico escolhido e a

prática metodológica estabelecida.

3.5 A memória

O ato de marcar o corpo, muitas vezes, está associado a três principais objetivos: questões de identidade pessoal e grupal, questões relacionadas à memória e questões estéticas; esses objetivos podem estar relacionados entre si e podem se modificar dependendo da cultura e da sociedade (Le Breton, 2007). Ao longo da história, o corpo era utilizado como fonte de controle social e local possível de coerção e castigos. As marcações corporais decorrentes desses castigos impostos tinham o objetivo de estigmatizar e criar lembranças e memórias de que aquele corpo havia cometido alguma infração. (Foucault, 1987). As marcações e escarificações corporais representam uma história daquele sujeito, raro é aquele que se cala perante a sua marca, há sempre uma memória por trás (Le Breton, 2004).

O corpo, enquanto lócus, tem em si as vivências e memórias de um sujeito. As memórias, nesse sentido, estão muito além de uma questão simplesmente orgânica processual, pois são atravessadas pela existência e contingências do sujeito no mundo.

Jacques Le Goff (1990) aponta a multiplicidade de áreas de conhecimento que são atravessadas dos que estudam a memória, tais como a história, antropologia, psicologia, neurofisiologia e sociologia. Enquanto uma questão fisiológica, a memória é uma propriedade de conservação de informações vinculadas, inicialmente, a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao sujeito recordar e atualizar eventos ocorridos no passado. Entretanto, as funções fisiológicas e psíquicas não são suficientes para explicar e entender o funcionamento da memória. Le Goff complementa que há a necessidade de abranger outras áreas como memória social, memória histórica, e memória coletiva, para uma compreensão desse fenômeno.

Paul Ricoeur (2014) aponta duas questões fundamentais para um estudo sobre a memória: do que há lembrança? e de quem é a memória? Há, segundo o autor, uma pretensão presente no discurso do cotidiano, no senso comum, de que a memória seja fiel ao passado, mesmo sendo, muitas vezes, um recurso disponível para lembrar-se de algo, nem sempre tem relação com uma descrição objetiva e factual do acontecido, mas muito mais com o que se lembra e principalmente como se lembra. O passado, enquanto construção da história e, conseqüentemente, da memória, traz

consigo a objetividade de um fato ocorrido e a subjetividade na construção de sentido sobre o acontecido. A memória, nesse sentido, é uma representação sobre o passado (Sousa, 2001).

Nesse ponto, é imprescindível que seja feita uma distinção entre as concepções sociológicas e psicológicas nos estudos sobre memória. De acordo com Sá (2012b), a perspectiva sociológica, representada por Maurice Halbwachs, concebe a memória a partir de construções sociais, desconsidera-se a memória como um processo unicamente mental, fisiológico, do sujeito, mas sim como um processo que envolve a sociedade e os grupos que a ela pertencem e dos quais o sujeito participa. Enquanto isso, a perspectiva psicológica, atravessada fortemente por um viés cognitivista, ocupou-se na realização de experimentos acerca do funcionamento e dos processamentos de informações de uma memória e, mais recentemente, estudos sobre a memória na vida cotidiana.

Em relação aos estudos cognitivistas sobre memória, Neufeld e Stein (2001) citam as pesquisas acerca dos processos de aquisição, armazenamento, codificação e recordação das memórias, como os principais objetos de interesse dessa abordagem. Para compreensão desses processos, diversos experimentos foram realizados, em ambientes controlados, utilizando-se, na maioria das vezes, de testes psicológicos, com objetivo de entender o funcionamento da memória e suas classificações. Mota (2000) cita os estudos que propuseram os conceitos de memória de curto e de longo prazo, e as investigações que relacionaram esses conceitos com o esquecimento e o armazenamento de uma memória.

Na abordagem sociológica, Halbwachs (2023) apresenta o conceito de memória coletiva, no qual estabelece que as lembranças ocorrem de forma coletivas na medida em que são lembradas nas e partir das relações sociais. Para Halbwachs nem quando recordamos solitariamente este processo se configura apartado da dimensão social. Nesse caso, a presença física do outro não é necessária para a evocação de uma lembrança, que é sempre social, e, mesmo em relação às memórias que envolvem eventos nos quais o sujeito estava sozinho, para o autor, nunca estamos verdadeiramente sozinhos:

É por isso que, quando um homem volta para casa sem estar acompanhado de ninguém, certamente por algum tempo “ele esteve sozinho”, conforme a linguagem comum. Mas ele só esteve sozinho na aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e ações se explicam por sua natureza de

ser social e ele não deixou de estar inserido em alguma sociedade (Halbwachs, 2023, p. 20)

Nessa perspectiva, o sujeito está sempre referido e em relação com os aspectos e eventos culturais e históricos do contexto em que está inserido e aos grupos do qual participa e transita.

Com que frequência expressamos, então, com uma convicção que parece inteiramente pessoal, reflexões tiradas de um jornal, de um livro ou de uma conversa! Elas se alinham tão bem com nossas maneiras de ver que seríamos surpreendidos ao descobrir quem é o autor delas, e que não somos nós (2023, p. 32).

Para Sá (2005), o conceito de memória coletiva proposto por Halbwachs teve como objetivo associar explicitamente a memória ao grupo, ao coletivo, demonstrando a construção social de uma memória a partir do sujeito que transita, e lembra, de suas vivências em conjunto aos outros

Outro autor com grandes contribuições no estudo sobre memórias foi Bartlett. Como aponta Sá (2012a), Bartlett propôs uma perspectiva psicossocial sobre a memória e, com uma visão construtivista sobre o tema, diferenciou-se de Halbwachs, que propunha uma “memória do grupo”, ao propor uma “memória no grupo”. Bosi (1987) aponta a proximidade conceitual entre as formulações de Halbwachs e Bartlett, ao constatar que ambos buscaram elucidar o papel social e institucional nos processos de lembrança; no entanto, para Bosi, Bartlett situa-se mais próximo à psicologia social do que Halbwachs. A autora complementa sobre a proximidade teórica entre os autores afirmando que “O que me parece deva reter-se como uma conquista comum das reflexões de Halbwachs e de Bartlett é a inerência da vida atual ao processo de reconstrução do passado (p. 26)”.

A abordagem sobre memória adotada para a análise das entrevistas realizadas, é a da memória social, descrita por Sá (2012a) como um “termo guarda-chuva” (p.95), que possibilita uma compreensão ampla sobre os fenômenos psicossociais da memória além de ser um termo unificador de caráter socioconstrutivista.

Reconhece-se a memória como um fator psicossocial, em que são consideradas, de forma interdependente, a memória em seu processo pessoal e os atravessamentos pelo processo sócio-histórico-cultural. Dessa forma, os processos de aquisição, armazenamento, codificação e recordação das memórias, ainda que ocorrida de forma individualizada, dependem das interseções sociais e das comunicações entre os grupos presentes na cultura (Sá, 2005).

Alguns conceitos, dentro da abordagem da memória social, como as memórias pessoais, memórias coletivas e memórias comuns são explicados por Sá (2015b) da seguinte forma:

Memórias pessoais, que são construídas com a ajuda dos outros e dos marcos providos pela sociedade, mas se referem ao passado da própria pessoa que se lembra, embora possam envolver também os fatos sociais de que ela tenha participado ou tomado conhecimento; memórias coletivas, definidas como representações sociais do passado de grupos sociais específicos, que são produzidas, guardadas, institucionalizadas e transmitidas pela elaboração coletiva resultante da intergeração entre os seus membros. Memórias comuns, formadas por pessoas que, mesmo sem estarem reunidas, são expostas aos mesmos fatos e informações e, por isso, acabam por deles guardar mais ou menos as mesmas lembranças, embora não cheguem a elaborá-las coletivamente, ou seja, não cheguem a delas construir uma versão consensual como nas memórias coletivas. p. (346)

Podemos inferir a tatuagem como um local de memória, de maneira analógica com o conceito de Pierre Nora (1993) de lugares de memória, aqui não mais inscritos em objetos, mas no corpo. Associa-se a marca/tatuagem como um registro de memória pessoal do sujeito, enquanto uma memória ou algo de sua vida que diz respeito, a princípio, de si e de suas vivências. Porém é necessário considerar os fatores sócio-histórico-cultural que levam o sujeito a se tatuar e dar sentido e significados à sua marca e às suas memórias, como explica Sá (2005):

São memórias sociais, no duplo sentido da sua construção e do seu conteúdo, mas o lócus desse processo construtivo é a pessoa, assim como é ao passado dela que estão continuamente referidas as lembranças, mesmo que os seus conteúdos sejam fatos sociais, culturais ou históricos de que ela tenha participado, testemunhado ou simplesmente ouvido falar (p. 74).

As tatuagens, ao longo de sua história, se caracterizam como memórias de acontecimentos da existência dos quais o sujeito não quer perder a lembrança, inscrevendo, na própria pele, os momentos chaves de sua existência (Le Breton, 2004). O entendimento de Le Breton converge com a fala de alguns tatuadores entrevistados que citaram a busca de clientes em tatuar algum registro de acontecimento de suas vidas como um dos principais motivadores para realizar uma tatuagem:

S1: Acho que quando a pessoa se tatua, ela quer eternizar na pele dela alguma coisa que ela acha que é muito importante. Algum momento, alguma pessoa, alguma lembrança.

S2: as questões de memória, como: “aconteceu tal coisa e quero deixa-la registrada no meu corpo, então eu transfiro uma foto de uma pessoa, uma data, um acontecimento para minha pele”.

Ricoeur (2014) estabelece a busca da lembrança como uma luta contra o esquecimento onde há um temor de esquecer aquilo que deve ser lembrando “Assim, boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer (p.48)”. O corpo tatuado passa a ser um local de discurso, onde o sujeito fala de si e de suas memórias através das tatuagens. Ocorre, dessa forma, um enraizamento desses discursos no corpo, o sujeito se apropriar das marcas escolhidas que lhe estampam e que remetem às suas memórias (Milanez; Fonseca-Silva, 2007). A tatuagem se destaca por ser uma forma de marcar momentos especiais na vida do sujeito, que vão desde conquistas pessoais, iniciação de uma nova fase da vida e, até mesmo, superação de algo. Uma vez realizada a tatuagem, o sujeito é tomado pra uma sensação de identidade, afirmada pela memória na pele. (Berger, 2009). Tatuar é uma forma de inscrever no corpo uma memória, de recordar aquilo que não pretende se esquecer. Uma história contada por um dos tatuadores exemplifica a busca da tatuagem enquanto uma reafirmação de uma lembrança:

S3: ela fez uma tatuagem e essa tatuagem estava desbotada com o tempo (...) sofreu algumas modificações, e ela queria refazer essa tatuagem da mesma forma que era quando ela fez para ressignificar uma questão, desse momento que aquela tatuagem, para ela, representava (...). E ela queria deixar a tatuagem exatamente igual.

A tatuagem com o significado de homenagem também está presente de forma constante no discurso dos tatuadores entrevistados. Nesse caso, o objetivo é demonstrar o afeto a alguém ou algum momento específico da vida:

S3: teve um cliente que teve um filho e resolveu fazer uma tatuagem em homenagem a ele.

S5: Eu, como tatuadora, faço muitas homenagens.

S6: Para homenagear alguém, homenagear um momento. Acredito que tudo é em torno de um momento. Uma fase da sua vida que vai ficar marcado simbolicamente.

Ao escolher sua tatuagem, o sujeito está escolhendo uma imagem que estará marcada em sua pele de forma definitiva; é necessário decidir cuidadosamente qual será essa imagem (Le Breton, 2004).

Le Goff (2004) e Smolka (2000) citam as regras mnemônicas propostas por São

Tomás de Aquino em seus escritos sobre locais e imagens: a) A memória está ligada ao corpo, b) A memória é razão, c) a meditação preserva a memória, logo, a memória é o hábito de recordar. O que está posto é a possibilidade de uma imagem, ou uma representação imagética, evocar o que se deseja lembrar e ligadas a um símbolo corpóreo. A tatuagem representa uma imagem capaz de evocar os momentos chaves da existência materializada no corpo. A memória se liga ao corpo de uma forma concreta, tornando constante o hábito de recordar, seja partindo do próprio sujeito ao olhar para sua marca ou partindo de outros que possam perguntar sobre sua tatuagem.

Le Breton (2004) destaca o hábito e o prazer que pessoas tatuadas têm de falar sobre suas marcas: “tatuagens e piercings são histórias de si através da pele. Raros são os que se calam sobre a sua marca. Gostam de falar nela, evocar a sua lembrança, partilhar a sua experiência, dar conselhos” (p. 122).

Em pesquisa realizada por Pereira e Rabinovich (2020) com 15 sujeitos tatuados pertencentes às cidades de Salvador e São Paulo, foi constatada a relação da tatuagem como uma expressão de memória. Nessa pesquisa, as tatuagens são descritas como um desejo de imprimir e transformar o corpo em um arquivo pessoal por meio de símbolos, homenagens, lembranças de eventos, superações, afirmação de laços, pertencimentos e conquistas importantes ao longo da vida. A tatuagem possui uma característica única de ser uma marca visível e palpável que permite o sujeito ter acesso à sua memória em seu próprio corpo:

A tatuagem ou as outras modificações corporais misturam uma série de acontecimentos tornando-os sempre presentes. Olhando o seu corpo ou respondendo às questões que lhe colocam sobre as suas marcas, o indivíduo lembra-se ao mesmo tempo das razões que motivaram o seu gesto e as circunstâncias que presidiram à sua execução. Maneira de parar o tempo na celebração de um acontecimento que conta, a fim de ter sempre na cabeça e sobretudo no corpo, para não ser só tragado pelo devir, mas para ancorar uma fidelidade aos momentos que não se querem esquecer e que foram decisivos na construção de si (Le Breton, 2004, p. 131).

Sá (2005) explica que, para o campo da memória social, a memória não se trata de uma simples reprodução do passado, mas uma construção que se dá a partir da realidade do presente.

Trata-se da proposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura (p. 65);

A relação entre corpo e memória é destacada por Ricoeur (2014) ao enfatizar que uma recordação está sempre relacionada às situações das quais o sujeito vive e experimenta o mundo: "Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu" (p.53).

Ao considerar o papel da memória pessoal do sujeito que realiza uma tatuagem em si, surge uma dimensão coletiva dessa memória. Conforme apontado por Halbwachs, "nunca estamos sozinhos" (2023, p. 6). Mesmo quando uma tatuagem aparentemente tem um significado único e representa uma memória exclusivamente individual para o sujeito que a possui, as memórias evocadas, especialmente ao pensar em homenagens realizadas, revelam o caráter coletivo dessa memória. Outros relatos relevantes ilustram a forte relação da tatuagem enquanto memória na perspectiva dos tatuadores entrevistados:

S1: Teve uma foto que tatuei (...), em uma mãe que fez o rosto da filha falecida. Depois do resultado, ela ficou muito emocionada. Isso é muito forte porque (...) acho que tatuagem é mais do que simplesmente um desenho, é você estampar vivências, experiências, sentimentos na pele.

S2: Eu fiz as tatuagens do Museu Nacional (...). Quando o museu pegou fogo, eu fui procurado por uma pessoa que estava organizando um projeto no museu que era o projeto "museu na pele". As pessoas do Museu Nacional que perderam o seu trabalho, perderam muita coisa ali, fizeram uma tatuagem de registro de memória, registro de tudo isso do Museu Nacional. Eram as duas variações do logo, o M e o N do museu, e a outra que era a fachada. Eles fizeram de forma gratuita, a gente correu atrás de patrocínio (...) eu fiz 170, 180 tatuagens mais ou menos, todas em pesquisadores, professores, alunos e alunas de mestrado e doutorado, faxineiros... todo mundo que tinha algum registro de memória do museu, a gente fez isso. Esse foi um dos trabalhos mais agradáveis, mais significativos que eu fiz nesses 26 anos.

S4: Teve uma pessoa que fez uma bússola porque viajou para Europa (...), ela tá começando a viajar, a fazer várias viagens, e ela já é velha. Foi a primeira tatuagem, uma coisa simbólica pra ela, que foi quase como uma libertação.

S5: eu fiz uma assinatura numa cliente minha (...), do pai dela que tinha falecido, eu reproduzi a assinatura do pai dela e ela ficou realmente muito emocionado nesse momento.

Quando solicitados que discorressem um pouco mais sobre as suas próprias tatuagens, os entrevistados revelaram que optaram por se tatuar com o intuito de preservar a lembrança de um momento ou de alguém:

S3: essa tem uma representatividade para mim que me remete a uma brincadeira de infância.

S5: Tenho algumas que me marcam muito porque são homenagens, homenagens para os meus parentes.

S 9: tenho duas em homenagem aos meus pais.

As narrativas e histórias de si contadas através da própria pele tornam o corpo um auto arquivo. O corpo, nesse sentido, proporciona ao sujeito a capacidade de retroceder ao passado e recordar momentos, simultaneamente afirmando o valor presente das experiências (Pereira e Rabinovich, 2020).

3.6 As coberturas de uma marca

Uma das questões presentes no roteiro das entrevistas tinha como objetivo compreender as percepções dos tatuadores em relação ao ato de cobrir e apagar uma tatuagem. Para aqueles que se arrependem da tatuagem, seja pelo seu significado ou por questão estética, a cobertura possibilita ocultar o desenho primeiro e criar uma nova imagem em cima.

Historicamente, constituiu-se no imaginário popular a crença de que a tatuagem era uma marca indelével, uma decisão da qual não há como retroceder, uma marca permanente que acompanhará até o fim da existência do corpo do sujeito alterada somente pelo envelhecimento, pelo enfraquecimento dos traços e das cores que estampam a pele. Aqueles que decidem se tatuar não pensam que aquela marca será temporária, muito menos possuem pretensões de realizar qualquer procedimento de cobrir ou apagar a sua tatuagem (Le Breton, 2004).

Existem diversos fatores que contribuem para que o desejo de modificar completamente o desenho inicialmente feito, ou até mesmo apaga-lo de vez. Berger (2009) destaca que, inicialmente, a tatuagem se caracteriza como uma marca indelével no corpo, fixando uma memória da qual o sujeito não terá a possibilidade de se esquecer, mesmo que venha a se arrepender. Contudo, a autora ressalta as ferramentas que o avanço tecnológico trouxe para remoção de tatuagens através de procedimentos estéticos que utilizam laser para seu apagamento. O que diferencia a tatuagem de outras modificações corporais, como o *piercing*, segundo Le Breton (2004) é sua particularidade de ser um processo de gravação corporal sem a possibilidade de remissão.

O interesse em apagar uma tatuagem não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo. Existem alguns registros dessa prática no século passado, como afirma Jeha: “Os tatuados que se arrependiam usavam “leite de mulher”, carne verde, castanha-de-caju, ácidos variados ou recorriam a médicos que já anunciavam nos jornais a destatuagem” (2019, p. 17). Le Breton (2004) também menciona que na década de 1930 era possível encontrar diversos pequenos anúncios em jornais sobre a supressão de tatuagens indesejáveis. Algumas pessoas, inclusive, submetiam-se à métodos extremos para tentar apagar as tatuagens das quais não se identificavam mais:

A vontade de apagar um sinal corporal que faz doravante mancha na existência suscita recursos por vezes radicais que mostram bem o que a reprodução da marca é tão forte que torna as pessoas indiferentes, no desespero e na impaciência, à deterioração da pele provocada por um trabalho artesanal. Algumas queimam-se com cigarros ou utilizam ácidos que atacam a pele. Fazem-se injeções de vinagre ou de sal picando-se com uma agulha nos contornos e nas partes cheias de da tatuagem. Outros recorrem a uma pedra-pomes ou a uma lixa de esmeril e esforçam-se pacientemente por gastar lentamente a pele (p. 171).

Ao incorporar um desenho em sua pele, o indivíduo, inicialmente, busca eternizar essa imagem em si. Contudo, ao almejar a remoção ou cobertura dessa marca, verifica-se uma mudança radical nos valores e referências desse sujeito, resultando na perda do significado associado àquela imagem. (Le Breton, 2004). Um aspecto significativo nas entrevistas realizadas foi o fato de que oito dos dez tatuadores mencionaram a frequente busca de clientes que procuram cobrir uma tatuagem feita durante um relacionamento afetivo que chegou ao fim.

S1: é muito comum a gente fazer cobertura (...), isso é normal, natural. (...) na maioria das vezes é término de relacionamento. (...) e as vezes quando o resultado não é aquele esperado, causa uma tristeza muito grande, causa uma raiva. Acho que isso que leva uma pessoa a cobrir uma tatuagem. Tive um trabalho em que fiz primeiro uma cobertura nas costas de uma menina para tampar o nome do namorado. Na semana seguinte, ela me procurou pra tatuar o nome de um outro namorado, na vagina. Logo depois, umas duas semanas depois, ela me procurou de novo para tampar o nome do namorado da vagina pra colocar uma pimenta em cima.

S2: A maioria é por arrependimento que envolve questões de relacionamento afetivo.

As tatuagens que representam uma relação amorosa são historicamente comuns. Tatuar corações, as iniciais, ou o próprio nome, que remetem à pessoa amada, era uma das práticas mais frequentes entre os marinheiros no século XIX

(Jeha, 2019). Le Breton (2004) menciona que o arrependimento e o desejo de apagar a tatuagem que represente um amor que se esgotou era algo recorrente: “O pedido da destatuagem é igualmente frequente se a marca foi feita no momento forte de uma relação amorosa hoje esquecida” (p. 170). Uma das tatuadoras entrevistadas afirma não aceitar realizar tatuagens com o nome de outra pessoa devido à possibilidade de arrependimento.

S4: Tatuagem com o nome de uma pessoa para outra eu não faço.

A naturalidade presente nas falas sobre o ato de cobertura foi consistente em todas as entrevistas. Alguns não entraram em detalhes sobre a remoção, visto que é uma prática realizada em locais específicos, não cabendo ao tatuador a remoção, mas apenas a cobertura.

S2: Acho que é algo muito comum. Já fiz várias coberturas, várias. Você tem várias questões envolvidas nisso. Você tem desde a questão de a pessoa ser muito jovem ou não ter muita certeza daquilo que ela ia fazer e acaba fazendo um desenho que se arrepende depois. Isso é comum, isso acontece. Às vezes a gente se arrepende de um casamento, de um relacionamento; por que a gente não vai se arrepender de um desenho que a gente coloca na pele? (...) a maioria é por arrependimento, normalmente envolve questões de relacionamento afetivo. Fez o nome do marido, do namorado (...) e acaba cobrindo depois.

S5: você pode fazer uma tatuagem e se arrepender, mas a vida é isso.

S6: Eu já conheci pessoas que removeram, cobriram. Geralmente a mesma situação, fez há muito tempo atrás e não gostou. A tinta também não era muito boa. Mas já vi casos de gente cobrir porque enjoou da tatuagem.

S8: Por exemplo (...): um tatuador que não tinha experiência necessária para realizar um trabalho. Aí a pessoa vai e fica chateada e quer cobrir. Às vezes a pessoa fica tão traumatizada que não quer fazer outra tatuagem. Aí ela recorre à remoção. E tem a situação de cobertura, quando a pessoa gosta da arte da tatuagem, mas, por algum evento, fez uma tatuagem que não lhe cabia no momento. Por exemplo, o nome de ex.

S9: Sou uma pessoa que estou tentando cobrir um braço inteiro. Eu acho que, assim, a gente se precipita em escolher alguns profissionais, de escolher alguma arte que muitas vezes não está refletindo o que a gente gostaria naquele momento, mas ainda assim a gente acaba fazendo. Com o tempo, às vezes, a tatuagem não se torna aquilo que a gente esperava que ela ficasse. Então, por diversos motivos, a gente pode querer simplesmente cobrir ou apagar.

Na revisão sistemática da literatura brasileira e estrangeira realizada por Schlösser (2018), identificou-se apenas sete artigos que, de alguma maneira, abordam o tema do arrependimento sobre a tatuagem. No entanto, nenhum deles envolveu pesquisadores brasileiros. Em um dos artigos identificados pelo autor, é

estabelecida uma associação direta entre o arrependimento em relação a uma tatuagem e a busca pela cobertura da marca. Além disso, é estabelecida uma correlação entre a idade e a probabilidade de o sujeito se arrepender de sua tatuagem, indicando que pessoas que fizeram tatuagens na adolescência estão mais propensas ao remorso (Madfis; Arford, 2013).

O arrependimento foi um dos temas abordados por Schlösser (2018) em sua tese. No estudo qualitativo, foram entrevistadas 36 pessoas que possuíam tatuagens. Desses, 29 declararam não possuir arrependimento sobre suas marcas. Questões de qualidade da tatuagem, local escolhido e mudança de significado da marca para o sujeito, são citadas como causas de arrependimento. Apesar de apenas 7 sujeitos terem declarado algum tipo de arrependimento, a possibilidade e o medo de arrependimento estiveram amplamente presentes no discurso dos entrevistados. Já no estudo quantitativo, participaram 614 indivíduos, onde 306 possuíam tatuagem e 308 não. Entre as pessoas tatuadas, Schlösser (2018) analisa que:

Neste quesito, 78,2% dos tatuados relataram que não removeria nenhuma de suas tatuagens, 7,4% removeriam uma ou mais, por achar feia, 5,1% removeriam pois perdeu o significado, e 9,3% apontaram 130 motivos diversos como: qualidade da tatuagem (9 vezes), tamanho da tatuagem (6 vezes), melhorias devido ao tempo (3 vezes), mudar de lugar (2 vezes), cobrir com outro desenho (2 vezes), e por questões relacionadas ao trabalho (1 vez) (p.129-130)

Mesmo com todos os motivos citados acima sobre o arrependimento e o desejo de cobrir ou remover uma tatuagem, de certa forma, o objetivo final é o esquecer. Esse processo envolve deixar para trás uma imagem que desagradou esteticamente ou que perdeu o significado e o sentido, resultando na perda de interesse na memória evocada por meio da tatuagem.

Ricoeur (2014) descreve que o esquecimento não se resume ao simples apagamento dos rastros mnêmicos, uma vez que o sujeito não detém o controle para decidir quais memórias devem desaparecer. Paradoxalmente, não existe memória sem esquecimento e nem esquecimento sem memória. A permanência do rastro, então, é o principal problema que o esquecimento enfrenta; nenhuma memória é completamente apagada, apenas se tornam temporariamente inacessível e indisponível, afinal “Esquecemos menos do que acreditamos ou do que tentamos” (p. 426).

Para que ocorra um esquecimento definitivo, seria necessário o apagamento total dos rastros mnêmicos, uma condição que geralmente está associada a questões

patológicas. Os rastros da memória permanecem na medida em que nos afeta, resultado de um acontecimento marcante. Então, o esquecimento desses casos é um esquecimento de reserva, sendo reversível ou inesquecível, em que os rastros da lembrança estão presentes, porém inacessíveis. (Ricoeur, 2014)

Aquele que busca apagar ou cobrir uma tatuagem almeja esquecer definitivamente, eliminando algo que já não desperta mais interesse ou desejo de lembrar. Le Breton (2004) argumenta que, nesses casos, a intenção é buscar novas significações, envolvendo o ato de misturar linhas anteriores, desviá-las ou até mesmo apagá-las, abrindo espaço para novas memórias. “No plano duplo da filiação, com o qual já não quer nada, e da marca, ela mesma evocadora de uma memória que se tornou penosa, deseja fazer “pele nova” no sentido real e figurado” (p. 168).

Enquanto o apagamento de tatuagens visa à aniquilação dos rastros visuais, a cobertura tem como propósito ocultar esses rastros por meio de uma recriação visual. Objetivamente, a imagem inicial não está mais impressa no corpo. Existencialmente, no caso de uma tatuagem apagada, persistirão rastros mnêmicos indicando que algo esteve ali, e, no caso de uma tatuagem coberta, esses rastros permanecem, mas de maneira oculta. Segundo Ricoeur (2014), “Ninguém pode fazer com que o que não é mais não tenha sido” (p. 450).

Para o Halbwachs (2023), a memória não é evocada a partir de uma “galeria subterrânea de nosso pensamento” (p. 71), mas sim na sociedade, onde encontramos referências que nos possibilitam ter acesso aos rastros mnêmicos, permitindo-nos lembrar e criar representações do passado. Nesse sentido, é necessário considerar as possibilidades contemporâneas de criar imagens, divulgá-las, guardá-las e rememorá-las, facilitando o acesso de uma memória. Nada é esquecido, as imagens de eventos presentes irão nos remeter a imagens de eventos passados:

não há um vazio absoluto na memória, ou seja, regiões de nosso passado tão fora de nossa memória que qualquer imagem projetada nelas não possa se agarrar a nenhum elemento de lembrança e revela uma imaginação pura e simples, ou uma representação histórica que permaneceria externa a nós.
(p. 71)

Em um mundo de imagens, em que a “sobrevivência das imagens” se opõe ao esquecimento, uma impressão-afecção permanece em nossas memórias mesmo quando o objetivo é esquecer: “Se uma lembrança volta, é porque eu a perderei; mas se, apesar disso, eu a reencontro e reconheço, é que sua imagem sobrevivera” (Ricoeur, 2014, p. 438).

3.7 A estética e os atravessamentos contemporâneos da cultura

O campo de estudos sobre a estética, enquanto área de conhecimento, é considerado recente na história da filosofia. Apesar de vários filósofos da antiguidade já terem abordado temas que estão, de forma direta e indireta, ligados à estética, apenas no século XVII, com o filósofo alemão Baumgarten, categorizou-se a estética como uma disciplina filosófica. Para Baumgarten, a estética é o estudo sobre o belo, o belo conceitual e a beleza nas artes. Estética não é um campo de estudos que objetiva o desenvolvimento de um gosto pelo belo artístico, mas sim investiga a natureza do belo e as implicações que se derivam desse conceito (Trotta, 2021).

Algumas correntes de pensamento concebem a estética, ou seja, a atribuição e classificação do que é considerado belo, sob uma perspectiva universal. Para Trotta (2021), por mais que sentir e perceber sejam faculdades inerentes do ser humano, é necessário considerar os aspectos culturais como constituintes do senso estético de um sujeito. Para exemplificar, o autor cita a popularidade que a ópera possui na Itália, onde a cultura reforça constantemente a associação entre o belo e a ópera, de forma a naturalizar tal percepção. Porém, existe toda uma construção ideológica e cultural forjada e reforçada socialmente e nas relações sociais que associam a ópera à uma expressão artística bela universal.

Bakhtin (2003) cita a importância do outro, em sua presença material ou simbólica, para e as noções axiológicas do sujeito sobre a estética de si, tornando fundamental a relação e a presença do outro para a constituição de valores. Bakhtin se afasta das formulações metafísicas, psicologizantes e empiristas sobre estética que a dissociam do social e aponta a importância dos fatores históricos e culturais como imanentes do objeto estético (Faraco, 2011). Deschamps e Moliner (2014) explicam que a construção da identidade de um sujeito ocorre tanto nas interações sociais quanto nas experiências individuais. Isso implica na formação das percepções do sujeito sobre o mundo ao seu redor, evidenciando o papel crucial que a cultura e as relações sociais desempenham na construção subjetiva de pertencimento, preferências e valores.

A proposição de Bakhtin sobre a importância do outro, a partir dos fatores culturais, históricos e sociais, na construção dos valores estéticos de um sujeito, será adotada para a análise das entrevistas referentes ao tema estético. Entendendo as

mudanças históricas e culturais que a tatuagem passou ao longo das décadas, uma abordagem que considera a historicidade e seus contextos socioculturais se apresenta como adequada.

A importância estética da tatuagem é apresentada em alguns estudos antropológicos feitos no Brasil. No estudo etnográfico conduzido por Zeila Costa (2004) em estúdios de tatuagens na cidade de Florianópolis, destaca-se a preocupação com a estética das tatuagens. O tatuador e o cliente buscam, em conjunto, o melhor posicionamento do desenho, o tamanho adequado e a posição na qual o desenho ficará para que a tatuagem fique perfeita, cumprindo seus objetivos estéticos para ambos. Em outro estudo etnográfico conduzido por Braz (2006) em São Paulo, focado em modificações corporais, a tatuagem, segundo os profissionais entrevistados, transformou-se em um “mercado” e uma “moda”, afastando-se das representações que o ato de tatuar possuía nas décadas de 80 e 90. Nesse período, a tatuagem era associada a jovens alternativos envolvidos ou simpatizantes de movimentos culturais ligados à música e ao *lifestyle*.

Lipovetsky e Serroy (2015) mencionam as tatuagens como um fenômeno que, ao ser aceito e absorvido pela cultura ocidental, se tornou uma moda, afastando-se dos estereótipos que a acompanhavam. Além disso, o interesse pelo tipo de arte também se modificou com o tempo, de forma que as figuras normalmente escolhidas para serem tatuadas deram lugar à uma busca por algo original e único, priorizando a estética do corpo e a singularidade do desenho. Na mesma linha de pensamento, Le Breton (2004) destaca as décadas de 80 e 90 como um período em que o domínio do corpo e a gestão da aparência se tornaram preocupações proeminentes. Nesse período, os indivíduos passaram a construir suas identidades por meio do corpo, transformando-o em “um porta-voz da imagem que desejavam projetar de si mesmos” (p. 20).

A ascensão do sentido estético da tatuagem também é destacada por Sousa (2021). Em entrevistas conduzidas pelo autor com alguns tatuadores, um dos participantes afirmou perceber uma diferença crucial entre as representações de tatuagens realizadas na década de 80 e aquelas feitas nos dias atuais. Para o tatuador, a tatuagem teve uma mudança de sentido. Enquanto no passado ela representava rebeldia e loucura, atualmente a tatuagem é associada à estética, vaidade e luxo. Esse discurso é corroborado por um dos entrevistados da presente pesquisa:

S7: Hoje, a tatuagem tem como uma finalidade principal a questão estética. Pessoas normalmente se tatuam porque querem ficar mais bonitas, porque veem um determinado desenho e têm uma vontade muito grande de ver aquilo no seu corpo (...). E, no segundo plano, algumas pessoas também fazem a tatuagem como uma forma de homenagem, como uma forma de eternizar um sentimento, um momento, uma pessoa. (...) mas isso, com toda certeza, acaba sendo observado no segundo plano. O que a maioria das pessoas, hoje, buscam na tatuagem, é uma finalidade estética sim, para se sentirem mais bonitas.

A preocupação crescente com a beleza e a autoimagem já era um tema percebido e abordado por alguns autores antes mesmo da popularização da tatuagem. Em 1967, ao lançar o livro “A Sociedade do Espetáculo”, Guy Debord (2003) escreve sobre a importância que a imagem adquiria na sociedade da época, influenciando e mediando as relações sociais existentes. Além disso, Debord destaca a imagem como um fator impulsionador na busca por alcançar um ideal culturalmente estabelecido de beleza, performance e bem-estar. O espetáculo, dessa forma, atua como construtor e produto das relações sociais, formando um pensamento social que se resume na máxima “o que parece é bom, o que é bom aparece” (p.17). Foi também na década de 60 que Jodelet (1984) conduziu sua pesquisa sobre as representações sociais do corpo, revelando uma tendência que estava em desenvolvimento.

Lipovetsky e Serroy (2015) concebem o termo “capitalismo artista” para explicar o momento no qual o capitalismo associa o valor econômico de determinado objeto por meio do valor estético e experiencial que ele possui. Para os autores, o “capitalismo artista” é um sistema que prioriza prazeres, sensações, encantamento e sedução por meio da imagem, formando uma estrutura complexa que envolve cultura, desejo de consumo, indústria da moda e da arte. Há um investimento intenso na estética, gerando tendências, estilos e modas que os indivíduos desejam consumir para se individualizar ainda mais e parecer cada vez menos semelhantes aos outros. Le Breton (2004) cita algumas das estratégias que os sujeitos contemporâneos adotam para obter uma imagem da qual acreditam ser a mais apropriada de si mesmos, destacando as possibilidades disponíveis na busca por sua própria identidade:

A tatuagem, o piercing, as roupas ou as maneiras de se pentear, de se barbear, de pintar os cabelos ou de exibir joias, tornaram-se hoje maneiras de construir o sentimento de si, de brincar com a sua identidade para se aproximar de uma imagem julgada mais propícia. (p.21)

Aos poucos, à medida que o corpo e a imagem ganharam importância

crescente, alinhados aos valores estéticos promovidos na cultura, as tatuagens tornaram-se populares na classe média e alta da sociedade. Esse fenômeno contribuiu para romper com o preconceito e a marginalização anteriormente associados às marcas corporais. Essa mudança de paradigma, transformou a tatuagem em um objeto de desejo e de consumo nas classes dominantes. A partir dessa valorização da estética e da busca pela singularização, a prática da tatuagem emergiu como um dos principais métodos adotados para alcançar tais objetivos. Todos os tatuadores entrevistados enfatizaram a importância do sentido estético na tatuagem. Alguns, inclusive, afirmaram que a questão estética prevalece sobre outros sentidos:

S5: A galera hoje em dia é mais estética. Antigamente era mais uma questão de homenagem de uma coisa que representasse muito a pessoa.

S7: Hoje a tatuagem tem como sua finalidade principal a questão estética.

S9: Tem a questão, claro, de homenagear alguém, mas na grande maioria das vezes é uma questão estética.

Embora as relações com a história de vida do sujeito e o significado do desenho tenham grande relevância nas motivações que levam uma pessoa a se tatuar, é fundamental que a tatuagem atinja os objetivos estéticos desejados tanto pelo tatuador quanto pelo tatuado. Em uma sociedade movida por imagens e na qual a exposição do próprio corpo é normalizada e estimulada, o sentido estético de uma intervenção corporal parece prevalecer sobre qualquer outra questão. Le Breton (2004) aborda como as ferramentas contemporâneas de modificações corporais, especialmente a tatuagem, se tornaram instrumentos e mercadorias de consumo que possibilitam a busca por determinados ideais estéticos. Ao afirmar que “O sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si (p.20).” e “As tatuagens ou os piercings transformaram-se em acessórios de beleza que não se gastam, um adereço definitivo que contribui para a afirmação do sentimento de identidade, para a encenação de si (p. 20)”, Le Breton aponta a transformação de sentido das tatuagens. Essa perspectiva corrobora as observações e percepções dos trabalhos de Brás (2006), Costa (2004) e Sousa (2021) sobre uma mudança nas motivações e representações que a tatuagem experimentou ao longo das últimas décadas.

O destaque dado ao corpo na contemporaneidade o coloca em uma posição que se assemelha a uma obra de arte, sendo o corpo a tela (De Vilhena e Novaes,

2015) e a tatuagem, por sua vez, a obra de arte tanto do artista – o tatuador – quanto da própria tela – o tatuado – que ativamente escolhe o desenho que gostaria de ter pintado em si. Curiosamente, no universo da tatuagem, é comum utilizar o termo “tela” para designar uma pessoa que, de forma voluntária, cede uma parte não tatuada de sua pele para que um tatuador realize uma tatuagem representando seu trabalho, estilo e as técnicas das quais ele domina. Essa prática é bastante comum em convenções e concursos de tatuagem, e cabe à “tela” aceitar ou não o desenho proposto pelo artista, como é explicado em um *post* sobre o tema no *site* tattoo2me³. Nesse contexto, para a “tela”, a tatuagem representa a manifestação artística do tatuador, e aceitar uma arte da qual não se escolhe diretamente demonstra um interesse puramente estético. É necessário confiar e admirar o histórico e o estilo do tatuador para permitir que seu corpo se torne o objeto de manifestação artística do profissional. A associação entre corpo enquanto uma obra de arte é feita por uma das entrevistadas:

S4: Muita gente ainda liga que a tatuagem tenha significado para mostrar para sociedade que tem algum significado. Tem muito disso ainda. Tem pessoas que já não estão nem aí, já estão tão tranquilas consigo mesmas que praticamente fazem o corpo virar sua própria obra de arte. (...) Eu estou querendo fazer meu corpo virar uma obra de arte. (...) Eu quero fazer minha obra de arte real.

O discurso acima converge com as proposições de Lipovetsky e Serroy (2015), os quais afirmam que a tatuagem perdeu o sentido coletivo que antes possuía. Segundo os autores, a inscrição de uma arte na pele funciona como um teatro individual com o objetivo de atrair os olhares e a atenção para si a partir do efeito estético produzido pela marca, que afirma a personalidade e, ao mesmo tempo, a diferença. A tatuagem, assim, torna-se uma busca de apropriação do próprio corpo e de sua singularização. O ato de se tatuar, que outrora tinha um aspecto coletivo forte, agora visa transformar o corpo em uma obra de arte única:

a tatuagem e o piercing aparecem agora como elementos decorativos escolhidos, formas de artealização ou de estilização de si que visam embelezar a aparência do corpo, criar um look livre de toda obrigação e de toda escrita coletiva. De ritual social que era, a tatuagem se torna um sinal estético, uma maneira de fazer de seu corpo uma obra de arte com finalidades estritamente pessoais (Lipovetsky e Serroy, 2015, p. 439).

³ *Post* do site tattoo2me “Você sabe o que é ser “tela”: Disponível em: <https://blog.tattoo2me.com/voc%C3%AA-sabe-o-que-%C3%A9-ser-tela-b67cd6773ca7>

A relação da tatuagem com a estética do corpo evidenciou-se em uma das perguntas, na qual o objetivo era investigar a ocorrência e as percepções que os tatuadores tinham sobre a prática da tatuagem como meio de destacar ou esconder algo no corpo da pessoa tatuada. O interesse em destacar o corpo é exemplificado nos seguintes discursos:

S3: Bem ou mal, a tatuagem a gente acaba destacando, né? Porque você puxa o olhar para ali. Mas assim, eu nunca tinha pensado nisso, mas depois que eu fiz uma tatuagem, eu percebi que deu um pouco mais de destaque. Essa que eu tenho no ombro, ela dá um pouco mais de destaque na parte do tórax. (...) Já tive pessoas procurando de querer enfatizar a parte do corpo

S6: Para dar destaque ao corpo, eu acho que geralmente as pessoas fazem no braço, no peito, os homens normalmente ficam sem camisa. A mulher, talvez nas costas. Na praia dá um destaque. É bem comum esteticamente, é bem mais comum esteticamente do que significado.

S8: Eu acho que toda tatuagem serve pra dar destaque. Porque até então, eu quando produzo uma arte, eu não copio nada. Então, eu já faço a arte para valorizar a anatomia do cliente. Eu já faço a tatuagem pensando nisso. Eu penso no contexto. Eu elaboro um trabalho inteiro pra que valorize o corpo da pessoa.

Os tatuadores também apontaram para a função de esconder ou ocultar aspectos indesejados no próprio corpo, com destaque para a prática de cobrir cicatrizes. Esta abordagem revela a tatuagem como uma forma de expressão estética que possibilita transformar marcas ou características que possam causar desconforto em algo artisticamente integrado ao corpo:

S1: Tem muita gente que quer esconder cicatriz, que quer esconder alguma imperfeição do corpo, manchas... imperfeição não, mas algo que incomoda, acontece muito.

S2: Aparece muito a cobertura de cicatriz. Às vezes a pessoa tá incomodada com alguma cirurgia. Às vezes tem um processo estético. É muito comum a abdominoplastia, a pessoa tira um pedaço de pele lá da barriga, fica aquela cicatriz e tem dificuldade em exhibir o corpo novo. Por conta disso, acaba fazendo a tatuagem para cobrir. É muito comum nessas questões de "eu quero exhibir meu corpo novo, mas tenho uma cicatriz ali" que além de esteticamente não agradável, remete ao que era, então faz uma tatuagem para cobrir.

S4: A questão não é a cicatriz, é esconder. (...) Tem um menino que agora quer tampar a perna toda, que foi queimada com gasolina. Aí ele vai... Ele quer cobrir praticamente as partes da queimadura.

S5: Tenho algumas que são para esconder partes que eu não gosto muito do meu corpo. (...) Para quando a pessoa me olhar, dar uma ênfase maior na tatuagem e não em mim (...). Algumas (tatuagens são) para esconder marcas de automutilação. Eu tenho algumas.

S10: Geralmente é assim, cicatriz, sinal, marca de queimadura também. (...) eu sigo até uma mulher que se especializou em fazer mamilo. Mulheres que

(tiveram) câncer de mama, que tira o mamilo. Aí ela vai lá e faz um mamilo realista, a parada fica muito foda.

Em um contexto social que atribui grande importância à imagem corporal e onde se espera que os indivíduos estejam sempre alinhados aos padrões estéticos dominantes, a presença de uma cicatriz pode acarretar prejuízos nas interações sociais. As propriedades do corpo, consideradas como capital corporal (Bourdieu, 2007b), são utilizadas para a obtenção de lucros sociais (Medeiros, 2011). Dessa forma, um corpo que não se enquadra nos ideais estéticos culturalmente desejados pode experimentar perdas sociais. O corpo biológico, natural, já não é suficiente para lidar com as questões contemporâneas da sociedade. Alterar sua aparência e sua performance, além de esconder e ocultar o que pode ser considerado uma imperfeição, torna-se quase que uma necessidade, conforme destacado por Le Breton (2003).

Há, conforme Le Breton (2004), uma paixão coletiva pelas modificações corporais que permeia não apenas a juventude, mas todas as gerações. Segundo o autor, o interesse e o desejo de transformar e decorar o próprio corpo são reflexos de uma sociedade que exige um considerável investimento no corpo para favorecer melhores relações com os outros. Lipovetsky e Serroy (2015) referem-se à “exacerbação do individualismo liberal” (p.439) como o impulsionador do consumo promovido pelo capitalismo que possibilitou a popularização da tatuagem em uma sociedade orientada pela moda. Tatuarse representa uma afirmação de singularidade que a indústria têxtil não consegue mais proporcionar. Ter roupas produzidas em larga escala ou até mesmo possuir peças de luxo consideradas “mais exclusivas” não é suficiente para alcançar a autenticidade desejada: “É quando a moda efêmera não parece mais ser suficientemente individualizante que pode triunfar a tatuagem como estratégia que se vale da durabilidade como meio de hiperdiferenciação e de hiperpersonalização” (p.440).

Um exemplo ilustrativo dessa perspectiva é fornecido por um tatuador que enfatiza como a tatuagem se configura como uma manifestação singular de individualização. Nesse contexto, a tatuagem não é apenas um adorno ou acessório, mas sim uma expressão única que destaca e distingue a pessoa, conferindo-lhe uma identidade visual exclusiva e personalizada. Este testemunho reflete a ideia de que, ao contrário de itens produzidos em massa ou mesmo peças de luxo, a tatuagem se destaca como uma forma autêntica e permanente de expressão pessoal:

S8: São diversos fatores, muitos deles são ligados à estética. Hoje em dia, a gente não pensa mais na tatuagem como: “Eu vou fazer uma rosa por conta do significado da rosa.” Vejo que é mais uma questão estética. É tipo comprar uma roupa nova, você chegar ali e dá uma coisa de presente pra você. (...). A tatuagem é única, é até mais única que uma escova de dente, porque não tem como tu passar a tatuagem para alguém.

Apesar de uma tatuagem poder ser copiada de forma intencional ou ainda coincidentemente, sendo reproduzida de maneira idêntica e em uma parte semelhante do corpo – considerando-se aqui que as partes não se conheçam ou que a pessoa que, eventualmente, tenha copiada o desenho, o tenha feito sem o conhecimento da pessoa que tatuou primeiro – a busca pela individualidade corporal ainda parece ser o ponto chave. Mesmo que uma pessoa tenha copiado um determinado desenho, adotando a mesma estratégia estética, o objetivo não é ser igual ao outro

É discutível se, nos dias de hoje, a tatuagem realmente representa essa modalidade concreta única de singularização entre os sujeitos. Conforme Bauman (2007) argumenta, os indivíduos que buscam individualização e diferenciação entre si muitas vezes acabam adotando as mesmas estratégias e símbolos comuns, tornando-se, assim, semelhantes uns aos outros. Por estarem inseridos numa mesma cultura, os indivíduos são atravessados pelas mesmas tendências e ferramentas disponíveis na busca por tal singularidade; a tatuagem não escapa dessa lógica.

De toda forma, como uma prática realizada dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, o desejo de se tatuar e as decisões sobre o que tatuar e onde tatuar são influenciados pelas relações que o sujeito mantém, pela mídia e pelos interesses de mercado. Ao analisar o papel que a mídia brasileira teve na construção do pensamento sobre a tatuagem na sociedade, Sousa (2021) destaca matérias em jornais e revistas que apresentavam um discurso que já não estigmatizava a tatuagem como anteriormente. A apropriação mercadológica dessa prática auxiliou no processo de mudança na concepção social sobre a modificação corporal, transformando o que, até algumas décadas atrás, era associado à marginalidade em objeto de desejo e moda. A aceitação da tatuagem na cultura a transformou em objeto de desejo, tornando-a mais uma das possibilidades de expressar a própria identidade por meio do corpo.

A tatuagem é percebida cada vez mais como uma prática individual, relacionada ao sujeito e aos seus valores estéticos e afetivos que compõem a sua

identidade. Se ainda persiste a crença de que nossas memórias são estritamente um processo individual, o senso estético e o desejo de se tatuar também se tornaram questões individualizadas. Pereira e Rabinovich (2020) apontam que a prática da tatuagem não está mais exclusivamente ligada ao coletivo, mas sim relacionada aos valores afetivos e memórias que o sujeito possui sobre si, constituindo uma crença individualizada desses valores.

Possuindo, a princípio, um caráter indelével, a tatuagem, segundo Lipovetsky e Serroy (2015), encontra-se no lado oposto da indústria da moda devido à sua durabilidade permanente, característica que constitui sua especificidade. Pereira e Rabinovich (2020) corroboram com essa ideia e afirmam que a tatuagem representa uma negação da modernidade líquida, estabelecendo-a como uma impressão corpórea não transitória. Em outras palavras, entendem a tatuagem como um elemento que estará eternizado no corpo do sujeito tatuado:

A tatuagem como impressão corpórea não transitória seria a negação de uma modernidade líquida. O corpo tornou-se a matéria prima para impressão; o corpo modela-se pelo lugar em que vivemos e pelo momento que passamos. O corpo se tornou um acessório da presença para fazer eternizar o que representa o próprio sujeito. A tatuagem transforma-se em memória, se faz perene em um corpo presente. Não há como o sujeito deixar escapar uma lembrança, um sentimento de valor ou experiência que deseja eternizar. A impressão das lembranças e sentimentos estão marcadas no corpo como uma forma de memória completa que jamais serão esquecidas (p. 20)

De fato, conforme proposto por Ricoeur (2014), a memória de uma tatuagem não é esquecida, pois os rastros mnêmicos sobre a tatuagem permanecerão presentes mesmo que o sujeito decida apagá-la ou cobri-la. Entretanto, o interesse e a busca por cobrir uma tatuagem se aproximam do que Bauman (2007) apresenta como um sintoma de uma sociedade líquida: o desengajamento, a descontinuidade e o desejo do esquecimento.

A cultura líquido-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como as outras registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Parece, em vez disso, uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento (p.84).

Enquanto uma marca que evoca memórias e lembranças para o sujeito, a tatuagem, em um primeiro momento, representa uma marca que permanecerá presente no corpo daquele que decide se tatuar. Porém, como evidenciado a partir do discurso dos tatuadores entrevistados nesta dissertação, e em outros trabalhos com entrevistas de pessoas tatuadas e tatuadores (Brás, 2006; Costa, 2004; Sousa, 2021),

há um discurso que normaliza e, até mesmo, encoraja a cobertura de uma marca corporal que possa não ter correspondido às expectativas estéticas ou que tenha deixado de fazer sentido para a pessoa:

S4: Uma tatuagem feia é uma tatuagem que não faz mais parte da vida da pessoa. Uma coisa que constantemente deixa a pessoa com uma autoestima baixa.

S5: A vida é uma só, você tem que dar uma vivida, é só cobrir depois, acontece. Tem laser aí também.

S7: Se a finalidade estética não é alcançada, obviamente ela quer cobrir aquela tatuagem ou removê-la.

S8: Eu, por exemplo, tenho várias (...) em mim que me arrependo bastante, porque eu fiz muito novo. Hoje em dia eu me identifico muito com o estilo Blackout⁴ por conta do meu entendimento pessoal. (...) eu preferia ter esse estilo no meu corpo do que muitas das coisas que eu tenho.

Tanto Lipovetsky e Serroy (2015) quanto Pereira e Rabinovich (2020) não abordaram a crescente busca pela cobertura e apagamento de uma tatuagem. De fato, parece haver um combate à liquidez presente na sociedade quando se decide concretizar no corpo uma marca que, teoricamente, é eterna. Entretanto, a liquidez moderna, atravessada pela lógica de consumo da sociedade, aproxima a tatuagem do efêmero: “A lógica econômica realmente varreu todo ideal de permanência, é a regra do efêmero que governa a produção e o consumo dos objetos” (Lipovetsky, 1989, p. 136). Diferentemente de objetos materiais e roupas da moda, a tatuagem não é descartada tão facilmente. Entretanto, ela já não se caracteriza como uma marca indelével; caso a pessoa enjoje de sua tatuagem, basta procurar um tatuador para cobrir sua marca anterior ou buscar um especialista que apague a tatuagem com laser.

A aspiração à des-tatuagem manifesta uma mudança radical de referências nos valores do indivíduo que deixa de se reconhecer seja num conteúdo particular, seja na própria tatuagem da qual ele pensa com ou sem razão que lhe presta um mau serviço nas relações sociais que são as suas naquele momento. (Le Breton, 2004, p. 167):

Um dos tatuadores entrevistados destaca e analisa os motivos que, segundo ele, são predominantes na escolha de cobrir uma tatuagem:

S7: Inclusive, eu tenho uma cobertura marcada para fazer. Antigamente, eu não entendia muito porque as pessoas queriam cobrir um trabalho que tinha um significado naquele momento. Então, acho que se você escolhe um desenho, se você faz, ele tem um motivo, tem um porquê (...). E aí quando

⁴ O *blackout* se caracteriza como um estilo de tatuagens no qual uma parte do corpo é tatuada completamente, ou quase completamente, com a tinta preta.

eu entrei nesse processo de entender o que leva uma pessoa a realizar uma cobertura, eu pude observar que a cobertura é feita mediante três circunstâncias. A primeira, porque o desenho não ficou bem feito. (...) O segundo momento, são as pessoas que realmente se arrependem de fazer a tatuagem. Isso é muito comum com nomes de ex-namorado ou ex-namorada, acontece bastante. Então a pessoa simplesmente se arrependeu e fala “eu não quero mais ter isso no meu corpo” ou foi por um impulso de juventude “eu fiz uma tatuagem no pescoço, no rosto, na mão, e hoje não combina mais com o meu perfil profissional”. (...) E, por fim, as pessoas que fazem cobertura de tatuagem são pessoas que já não têm mais qualquer tipo de identificação com aquele símbolo.

Os interesses da indústria, aliados à influência das mídias, provocam uma necessidade de investimento no corpo e na aparência. Com o desejo de modificação já estabelecido, a indústria cria novas possibilidades e tendências de consumo, como aponta Bauman:

O que você coloca no seu corpo é uma forma reconhecidamente mais conveniente e confortável de se manter em dia com esta nossa época de alta velocidade do que aquilo que você faz com ele. As roupas que você veste (e certamente tira e joga fora logo em seguida) podem, com efeito, seguir/deslocar/substituir umas às outras a uma velocidade e uma frequência desconcertantes e inatingíveis, por exemplo, por implantes nos seios, lipoaspiração, cirurgia plástica ou mesmo um passeio por todo o espectro dos produtos para tingir o cabelo (2007, p.113)

Diante da crescente importância atribuída ao corpo e a tudo que envolve sua imagem ao longo das últimas décadas, estratégias para alterar e aprimorar sua aparência têm se tornado cada vez mais comuns, como destaca Le Breton: “Se não se podem mudar as suas condições existenciais, pode-se pelo menos transformar o corpo de múltiplas maneiras” (2004, p. 19). O corpo fica evidenciado como uma mercadoria, onde o culto ao corpo converge com o culto ao consumo, à beleza e à performance. Ter um corpo bonito, jovem e atraente tornou-se uma questão de sobrevivência (Maroum; Vieira, 2008) Se, por um lado, algumas pessoas adotam estratégias como a cirurgia plástica ou intervenções estéticas para alcançar transformações mais radicais de determinadas partes do corpo, por outro lado, a tatuagem opera como uma maneira de estilizar o corpo, proporcionando destaque e direcionando o olhar do outro para áreas específicas de si.

Em uma sociedade capitalista, onde há uma demanda para a remoção de tatuagens, conseqüentemente, surgirá um mercado com ofertas a serem exploradas. Como destaca Bauman (2008), a publicidade dos diversos serviços de modificação corporal e a transformação das demandas em mercadorias para consumo produz o medo nas pessoas de não estarem adequadas, seja por não possuírem determinado

objeto de consumo ou por não possuírem o corpo desejado.

Em uma matéria recentemente publicada no site O Globo (2023), menciona-se um estudo que afirma que o mercado de remoção de tatuagens pode crescer até 8,5% em 2023. O estudo mencionado pertence à Mordor Intelligence, e ao solicitar acesso ao relatório, foi estipulado um valor de U\$4.750,00. Nos dados disponíveis no site, não é possível analisar a metodologia utilizada; apenas informações gerais, sem relevância, são encontradas. Em relação à matéria citada inicialmente, trata-se de uma publicação patrocinada pela empresa Dino (2023)⁵, que, em seu site, afirma ser responsável por divulgar notícias corporativas, democratizando e distribuindo conteúdos informativos em portais de notícias do Brasil. Por fim, a matéria direciona para um site chamado Hell Tattoo (2023)⁶, onde é oferecido o serviço de remoção de tatuagens.

É importante ressaltar que nem todas as pessoas têm o desejo ou consideram a prática de cobertura como algo a que devem recorrer, conforme observado por um dos tatuadores entrevistados:

S6: Não consigo me imaginar removendo alguma tatuagem minha, mesmo se fosse de namorada ou algo assim, porque é muito momento sabe? (...) e se você souber superar, evoluir como pessoa, por mais que não veja nenhum problema, eu não removeria nenhuma minha.

Também não é possível afirmar que as pessoas estão se tatuando com o objetivo de cobrir ou modificar suas tatuagens depois de determinado período de tempo. A cobertura é apenas uma possibilidade presente, e cada vez mais presente, no dia a dia de quem costuma realizar uma arte na própria pele. Entretanto, algumas tintas estão sendo desenvolvidas e testadas para propositalmente desaparecer da pele após um determinado período de tempo, no caso, quinze meses (Jornal Extra, 2021).

Pelo visto, o único traço que se pode apontar como eterno na sociedade capitalista é a busca por novidades de consumo (Lipovetsky, 1989). Com o aumento da importância estética de uma tatuagem, ela parece mergulhar cada vez mais na efemeridade contemporânea que permeia o cotidiano de nossa cultura.

⁵ Site que explica os objetivos da empresa: <https://dino.com.br/>

⁶ Site da empresa especialista em remoção de tatuagens: <https://helltattoo.com.br/>

3.8 Sobre as relações da tatuagem e as representações sociais

As transformações nas representações sociais sobre tatuagens ao longo de sua história são uma ótima forma de entender como uma concepção sobre determinado fenômeno pode se alterar com o passar do tempo. Assim como as representações sociais sobre o corpo se modificaram em um intervalo de apenas quinze anos, como demonstrou Jodelet (1984), as representações sociais sobre a tatuagem também não permanecem as mesmas. Falar sobre tatuagens é, afinal, falar sobre corpo, pois é em sua parte mais visível, a pele, que essa prática se concretiza.

Ao ser introduzida de forma mais ampla no Brasil pelos marinheiros estrangeiros que chegavam nas regiões portuárias, a tatuagem se torna um elemento novo, sendo, para muitos, o primeiro contato com a marcação corporal. Logo, essa prática começa a ser disseminada entre os marujos brasileiros que, ao frequentarem os bares e os prostíbulos dessas regiões, popularizaram a tatuagem entre os frequentadores marginalizados pela classe dominante (Jeha, 2019). Desse modo, aos poucos, a tatuagem deixa de ser um elemento estranho e não-familiar na sociedade, transformando-se em um objeto familiar nas cidades próximas aos portos. Com a sua inserção na sociedade, a tatuagem passou a ser reconhecida e categorizada, possibilitando identificá-la e associá-la às demais escarificações corporais, enquanto uma prática que se estabelecia e passava a ser vista no cotidiano. Dessa forma, por meio do processo de ancoragem, a tatuagem se torna um fenômeno familiar e passa a integrar o sistema de representações de um indivíduo. A popularização da tatuagem em determinadas áreas da cidade e em certos grupos sociais possibilitou transformar em imagem, por meio do processo de objetivação, o que até então era algo abstrato, conferindo concretude e, assim, criando uma representação social sobre a prática. Ao se tornar um objeto familiar no cotidiano, diversos grupos passam a associar a tatuagem à marginalidade, vadiagem, criminalidade e imoralidade, passando a representar socialmente uma marca negativa, principalmente naqueles que viviam à margem econômica da sociedade.

A partir das mudanças culturais ocorridas ao longo do tempo, a classe média e alta da sociedade, principalmente após a década de 70, passou a adotar a prática da tatuagem. Com isso, a tatuagem se afastava dos preconceitos que a acompanhavam e, aos poucos, sua imagem passou a ser associada à rebeldia e à juventude. A mídia

desempenhou um papel fundamental nesse processo, apresentando representações positivas da tatuagem em jornais e revistas. Dessa forma, a prática deixava de ser associada à criminalidade e era retratada como uma moda. Além disso, a aparição de personagens tatuados em novelas e programas de televisão contribuiu significativamente para afastar a tatuagem de suas representações anteriores (Sousa, 2021).

Atualmente, nota-se a popularização e a acessibilidade da prática de tatuar, bem como a aceitação generalizada da tatuagem em diversas camadas sociais. Ao analisar as representações sociais da tatuagem ao longo de diferentes períodos históricos do Brasil, Schlösser (2018) identificou uma significativa mudança nas representações associadas à marcação corporal. Para aqueles que se tatuaram no presente século, atribui-se à tatuagem uma variedade de significados, tais como expressão pessoal, singularização, homenagem, pertencimento grupal e manifestação artística. Essa perspectiva contrasta com a percepção da tatuagem no século passado, quando a prática era associada a ideias de rebeldia e marginalidade pelos grupos familiares desses indivíduos.

Conforme destacado por Ferreira (2011), o corpo na contemporaneidade assumiu a função de um espaço de individualização, conferindo à tatuagem um caráter distintivo e biográfico. Apesar de ainda manter resquícios de seu caráter coletivo, conforme indicado por Schlösser (2018), a tatuagem contemporânea envolve uma dimensão coletiva na escolha da arte, estilo, cor e local da tatuagem. Essas decisões refletem as categorias socialmente aceitas e apreciadas pelos grupos nos quais o indivíduo está inserido. Atualmente, a tatuagem é considerada não apenas como uma expressão de beleza, mas também como uma manifestação da identidade, alterando, de maneira generalizada, as concepções acerca dessa prática. Apesar da mudança substancial nas representações sociais da tatuagem entre o século passado e o presente, na contemporaneidade, onde é reconhecida como um sinal de beleza estética, é importante ressaltar que a tatuagem ainda pode funcionar como uma marca que estigmatiza determinados grupos sociais. As transformações nos ambientes frequentados pelos sujeitos tatuados foram cruciais para modificar as representações sociais da tatuagem, conforme destacado por Sousa (2021). Essa mudança de representação é exemplificada através da fala de um dos entrevistados:

S3: Há um tempo atrás, a tatuagem ainda era muito marginalizada. Inclusive eu já ouvi isso do meu pai (...) que tatuagem é coisa de bandido.

A respeito das representações sociais sobre a tatuagem pelos tatuadores, alguns pontos interessantes emergiram. É necessário destacar que a ampla maioria dos tatuadores, não apenas os participantes desta pesquisa, também são tatuados. Conseqüentemente, esses profissionais são sujeitos permeados por questões e reflexões relacionadas à prática da tatuagem enquanto tatuados, bem como às suas obras enquanto tatuadores.

Os tatuadores constituem uma classe de trabalho singular quando comparada a outras. Apesar de alguns compartilharem o mesmo local de trabalho, a prática de tatuar, muitas vezes, não é realizada em proximidade de seus pares. Além disso, diversos tatuadores operam de forma independente em seus estúdios, conferindo um caráter pouco coletivo à profissão.

De início, em relação ao pensamento acerca da tatuagem, verificou-se um consenso ao associá-la a uma marca que desempenha duas funções principais, as quais podem, ou não, estar diretamente relacionadas: a inscrição de memórias e o sentido estético. De maneira direta e indireta, todos os entrevistados compartilharam suas percepções da tatuagem como uma expressão da identidade do sujeito, que, por meio desses dois temas principais, exterioriza pensamentos, desejos, preferências e valores pessoais:

S2: Trabalho com isso há muito tempo. São 26 anos de profissão e já fiz de tudo quanto é tipo de tatuagem (...) desde a tatuagem estética (...) desde a tatuagem mais de contexto social, o grupo do qual a pessoa faz parte (...) e até as questões de memória (...). É muito individual isso.

Deschamps e Moliner (2014) atribuem à identidade um caráter social ao compreenderem que o processo de formação da identidade do sujeito é social, uma vez que sua construção ocorre a partir das relações sociais estabelecidas ao longo de sua vida. Desse modo, ocorre um "duplo movimento que combina semelhança intergrupala e diferenciação entre grupos ou categorias" (p.23), o que permite ao sujeito apropriar-se de valores e percepções por meio das trocas grupais e culturais das quais participa. Isso possibilita a aquisição de signos que o aproximam de determinados grupos que compartilham valores similares.

Nesse sentido, a tatuagem é simultaneamente uma forma de expressar a identidade pessoal através do corpo e um símbolo que indica pertencimento a um conjunto de valores compartilhados socialmente. Embora a tatuagem possa refletir

uma percepção crescente de individualidade, os desenhos escolhidos, a temática da arte, as cores e o local são influenciadas pelas relações sociais significativas do sujeito.

Outro ponto observado foi a mudança na representação social da tatuagem ao longo do tempo, na perspectiva dos tatuadores. Ao analisar os discursos dos tatuadores nesta dissertação, e ao revisar os trabalhos em que outros tatuadores participaram, notou-se que, principalmente nas décadas de 80 e 90, os tatuadores identificavam a tatuagem como uma prática de caráter coletivo, que afirmava uma identidade coletiva e, muitas vezes, transgressora, realizada por aqueles que não se sentiam adequados à norma social vigente. Com a popularização das modificações corporais, a tatuagem passou a ser associada a uma prática que permite ao sujeito expressar os aspectos individuais de sua subjetividade, alterando sua pele para diferenciar-se de outras pessoas e singularizar seu corpo na busca por demarcar e demonstrar sua individualidade.

Mesmo quando se mencionava a questão do pertencimento a um grupo que uma tatuagem pode representar, o fator estético acabava prevalecendo dentro do próprio discurso dos tatuadores entrevistados. A fala de um dos entrevistados exemplifica a importância estética da tatuagem na atualidade:

S3: Acaba sendo uma forma de expressão, de se inferir em um grupo, de se sentir belo, ou de se sentir diferente(...). Sempre que eu perguntava o porquê de ter feito a tatuagem, respondiam: “ah, queria ser diferente”, “, queria ficar bonito”, “achei bonito”, “achava que estava faltando algo”. Acaba sendo meio que isso, uma forma de expressão.

Ao compartilharem seus pensamentos e conhecimentos, fundamentados em suas profissões, sobre as motivações para realizar uma tatuagem e o papel que a marcação corporal desempenha no corpo, percebe-se uma mudança na representação social dos tatuadores em comparação ao passado. Compreender o contexto atual no qual o objeto de estudo está inserido é fundamental para entender essa mudança na representação, afinal, uma representação social é o resultado das comunicações e interações cotidianas com a cultura e a história da sociedade. Dessa forma, é importante a utilização de fontes históricas sobre o objeto de estudo para identificar e acompanhar as mudanças na representação (Arruda, 2000).

A influência que a mídia exerce sobre as representações sociais do corpo é ressaltada na pesquisa de Goetz, Camargo, Bertoldo e Justo (2008), na qual o padrão de beleza apresentado e constantemente reforçado como ideal resulta em um

fenômeno crescente de culto ao corpo, gerando uma busca incessante por formas de alcançar esse ideal. Essa influência participa ativamente na construção das representações e, conseqüentemente, as práticas sociais, posicionando a tatuagem como uma das alternativas viáveis para modificar e estilizar o corpo, com o objetivo de transmitir uma imagem de si mais próxima da desejada. Dessa forma, as representações sociais sobre as tatuagens direcionam as práticas sociais, à medida que os estereótipos negativos enfraquecem e cedem lugar à concepção da tatuagem como um sinal de identidade, conforme apontado por Schlösser (2018), e uma expressão estética que evoca memórias, como evidenciado nos discursos das entrevistadas.

A relevância estética é amplamente citada ao longo das entrevistas, evidenciando a objetivação da tatuagem como um sinal estético para os tatuadores, tanto para os mais experientes, que anteriormente possuíam outras perspectivas, quanto para os mais novos, que iniciaram sua prática de tatuagem recentemente. As mudanças geracionais que associam cada vez mais a tatuagem à estética refletem uma alteração representacional que parece ser observada entre diversos tatuadores, mesmo aqueles que não se conhecem necessariamente, mas compartilham pensamentos semelhantes sobre essa mudança. Há um consenso estabelecido entre os tatuadores, levando-os a possuir interpretações e explicações similares sobre a tatuagem, o corpo e a questão da cobertura de uma tatuagem, conforme Moscovici (2007) denota como finalidade da representação social.

No que diz respeito ao tema da memória, os tatuadores relacionaram a tatuagem como uma marca de lembrança, algo que deixou uma marca em suas vidas a ponto de motivá-los a imprimir em sua pele uma imagem que represente sua memória. Outro ponto frequentemente citado foi a tatuagem com o propósito de homenagear, especialmente parentes e relacionamentos. As representações desse tema guardam grande semelhança com as motivações historicamente citadas para fazer uma tatuagem, como as dos marinheiros que costumavam tatuar, principalmente, bandeiras e símbolos representativos de seus países de origem, iniciais e siglas de pessoas importantes, imagens de mulheres e familiares, além de corações para lembrar de entes amados e ancoras, que simbolizavam a travessia entre oceanos. Essas tatuagens evocavam a vida no mar e as saudades e memórias da vida em terra firme (Jeha, 2011, 2019). Pollak (1992) afirma que a memória e a identidade são ambas constituídas socialmente, por meio das relações grupais

existentes. Ele complementa que

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (p.5)

Considerando a multiplicidade de possibilidades representacionais identitárias que um sujeito pode ter, algumas dessas pertenças são mais estáveis do que outras, e algumas até mesmo instáveis (Deschamps e Moliner, 2014). Nesse sentido, devem ser consideradas tanto as memórias pessoais e coletivas do sujeito quanto os valores estéticos com os quais alguém se identifica, ou seja, as experiências individuais e as interações grupais são fundamentais para a percepção identitária do sujeito, como afirmam Deschamps e Moliner “pode-se supor que o indivíduo não é o único ator de sua própria construção identitária” (p, 157)

Sobre as coberturas, um dado interessante surgiu ao longo das entrevistas. É importante notar que este é um tema pouco explorado na academia, e não foram encontrados artigos, dissertações ou teses que abordassem especificamente esse fenômeno. Além disso, apenas foram encontradas citações históricas sobre o assunto, não sendo localizado nenhum trabalho que se aprofundasse no tema.

Diferentemente de um pintor, que geralmente não altera ou cobre a arte de outro, o tatuador tem em seu trabalho essa possibilidade, que aparentemente é uma prática bem aceita dentro do meio. Não houve, em nenhum momento, qualquer juízo de valor moral sobre essa prática por parte dos profissionais; pelo contrário, muitos expressaram interesse e desejo em cobrir algumas de suas próprias tatuagens. Além disso, afirmaram realizar rotineiramente coberturas em clientes que estão insatisfeitos com suas tatuagens anteriores. Nessas situações, tanto a dimensão estética quanto a dimensão da memória são relevantes quando uma pessoa busca uma cobertura, pois a marca já não lhe representa como outrora.

Por mais que o desejo, e as tentativas, de remover ou cobrir uma tatuagem estejam presentes ao longo da história, havia um imaginário estabelecido de que se tatuar é um caminho sem volta, pois a marca, ou vestígios dela, persistirá no corpo (Le Breton, 2004; Jeha, 2019). Embora alguns autores (Lipovetsky e Serroy, 2015; Pereira e Rabinovich, 2020) associem a tatuagem como uma marca não transitória que teria a função de negar a liquidez da sociedade, os tatuadores entrevistados não endossaram esse discurso.

O corpo é visto, então, como um local a ser modificado, sem que tenha sido expressada preocupação ou moralidade sobre o assunto. Pelo contrário, há até, de certa forma, um encorajamento para cobrir as tatuagens caso deixem de fazer sentido ou não agradem mais.

Por fim, é possível notar, com base nas entrevistas, que a questão estética se destacou como um fator mais citado e relevante nos pensamentos sobre a tatuagem, nas motivações para realizá-la, na questão da cobertura, nas questões corporais e até mesmo quando os tatuadores falavam sobre suas próprias tatuagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que fosse possível uma ampla análise sobre o tema desta dissertação, de início, foi necessária apresentar uma contextualização histórica sobre a tatuagem, desde suas origens até sua chegada e percurso no Brasil. Com isso, traçou-se as narrativas e discursos que promoveram a estigmatização e marginalização das marcas corporais ao longo do século XX, orientando políticas públicas que encarceravam e excluíaam os tatuados da sociedade de forma sistemática. A aceitação e, posteriormente, popularização das tatuagens ocorreram principalmente a partir da década de 60, quando foram incorporadas, sobretudo, por jovens da classe média que frequentavam as praias da zona sul do Rio de Janeiro. Em paralelo, a tatuagem também passou a ser retratada de forma mais positiva nos meios de comunicação, contribuindo para sua difusão entre as classes sociais dominantes.

As mudanças culturais e sociais ocorridas nos últimos 50 anos foram fundamentais para alterar as representações acerca da tatuagem e do corpo, modificando as percepções sociais relacionadas ao corpo tatuado e ao trabalho dos tatuadores. No início desse processo, a tatuagem representava um sinal de rebeldia, juventude que muitas vezes estava ligada ao pertencimento à grupos e crenças coletivas. Já atualmente, o caráter individualista identitário é percebido, através das entrevistas, como a principal motivação para se tatuar.

A análise das representações sociais sobre a tatuagem pelos tatuadores, em conjunto com a revisão de outros estudos que abordam esse tema, evidenciou a singularidade que a prática tem adquirido. A associação da tatuagem como um sinal estético é destacada como um dos principais motivos para adotar essa forma de expressão corporal. Nesse contexto, a tatuagem é percebida como um meio que possibilita o destaque de determinadas regiões do corpo, além de ser considerada uma forma de ocultar e disfarçar características indesejáveis. Além disso, a tatuagem é compreendida como um sinal de identidade vinculada às memórias individuais da pessoa e ao desejo de transformar uma lembrança em imagem no próprio corpo.

Outro ponto relevante discutido neste trabalho acadêmico é o impacto das transformações que moldaram as percepções sobre a tatuagem e o corpo ao longo do tempo, um fenômeno em constante evolução. Um aspecto notável é a crescente normalização tanto da cobertura quanto da remoção total das tatuagens. Essa

normalização é evidenciada nos discursos analisados de tatuadores, que agora enxergam a prática como algo comum e até mesmo a incentivam, contrariando a noção histórica da tatuagem como algo indelével. Este fenômeno representa uma mudança significativa na compreensão e aceitação social da tatuagem, desafiando concepções tradicionais e demonstrando a fluidez das percepções culturais em relação ao corpo e à expressão individual.

Se antigamente prevalecia um discurso que enfatizava a importância de escolher cuidadosamente uma tatuagem, dada a sua natureza de marcação corporal indelével, permanente e eterna que acompanhará o indivíduo ao longo de toda a sua vida, esse discurso parece não ser mais predominante nos dias atuais. É possível observar uma tendência na prática da tatuagem em direção à efemeridade, caracterizada por uma intervenção estética na qual, caso o portador da tatuagem enjoje de sua escolha ou a arte já não seja mais relevante ou atraente, ele tem à sua disposição recursos para cobri-la com um novo desenho seguindo as tendências atuais ou até mesmo optar pelo seu apagamento total. Além disso, a indústria avança rapidamente no desenvolvimento e popularização de novas tintas concebidas intencionalmente para se dissiparem da pele após alguns anos. Assim, uma tatuagem realizada nos dias atuais não implica necessariamente que ela permanecerá na pele do indivíduo; ela pode se transformar em algo novo ou simplesmente desaparecer.

Apesar do estudo ter entrevistado um número limitado de tatuadores, o que pode não refletir necessariamente as percepções de toda a classe, os pontos destacados sugerem uma tendência de convergência nas opiniões dos tatuadores em relação à tatuagem. Embora seja importante reconhecer as limitações da amostra, essas descobertas oferecem dados valiosos sobre as atitudes e perspectivas que parecem ser predominantes dentro da comunidade de tatuadores. Essa convergência de percepções pode indicar uma mudança cultural mais ampla em curso, que merece ser explorada em estudos futuros para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais em torno da tatuagem.

De fato, é inegável a influência da cultura contemporânea na dinâmica entre o indivíduo e a sociedade no que diz respeito ao corpo. A tatuagem, ao se apresentar como um meio de expressão da individualidade, perde gradativamente sua conotação coletiva e sua associação à ideia de eternidade. Nesse contexto, o efêmero ganha espaço em uma prática milenar, resultando no desengajamento do sujeito em relação ao seu próprio corpo e à sua tatuagem. Esta transformação reflete não apenas

mudanças nas percepções culturais, mas também na forma como os indivíduos constroem e interpretam sua identidade em um mundo em constante mudanças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e estado**, v. 24, p. 713-737, 2009.

ARRUDA, Angela. Mudança e representação social. **Temas psicol**, p. 241-247, 2000.

_____, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, p. 127-147, 2002.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Avança projeto que prevê tatuagens para mulheres vítimas de violência pelo SUS**. Disponível em: Avança projeto que prevê tatuagens para mulheres vítimas de violência pelo SUS (al.sp.gov.br) . Acesso em 05 jan. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Editora Martins Fontes, 2ed. São Paulo. 1997.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARREIRA, Gabriela. Alerj prolonga discussões e projeto para SUS remover tatuagem passional 'vexatória' no RJ não é votado. **G1**, 2018. Disponível em: Alerj prolonga discussões e projeto para SUS remover tatuagem passional 'vexatória' no RJ não é votado | Rio de Janeiro | G1 (globo.com). Acesso em 05 de jan de 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

_____, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BERGER, M. Tatuagem: a memória na pele. **SINAIS: Revista Eletrônica**, Vitória, v. 1, n. 5, p. 65-83, 2009.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. Editora da Universidade de São Paulo, 2ªed, 1987.

Bourdieu Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 6 ed. 2007a.

_____, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007b.

BRASIL, Lei nº 12.704, de 8 de agosto de 2012.. Altera a Lei nº 11.279, de 9 de fevereiro de 2006, que dispõe sobre o ensino na Marinha, no que se refere aos requisitos para ingresso nas Carreiras da Marinha. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-014/2012/Lei/L12704.htm#art1. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

BRASIL, Lei nº 14.296 de 4 de janeiro de 2022. Altera a Lei nº 11.279, de 9 de fevereiro de 2006, para incluir cursos no Sistema de Ensino Naval (SEN), ajustar a faixa etária de ingresso em corpos e quadros da Marinha e estabelecer restrições ao uso de tatuagem. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14296.htm. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

BRASIL, PORTARIA CVS-12. Dispõe sobre os estabelecimentos de interesse à saúde denominados Gabinetes de Tatuagens e Gabinetes de Piercing e das providências correlatas. CENTRO DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=511681&filenome=LegislacaoCitada+-PL+2104/2007. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 553, de 30 de agosto de 2021. Dispõe sobre o registro de produtos utilizados no procedimento de pigmentação artificial permanente da pele. Ministério da Saúde – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: http://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/6320049/RDC_553_2021_.pdf/e41018be-2276-4ebd-906e-f3567de91732. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

BRASIL. Resolução nº 55, de 6 de agosto de 2008. Dispõe sobre o registro de produtos utilizados no procedimento de pigmentação artificial permanente da pele, e dá outras providências. Ministério da Saúde – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2008/res0055_06_08_2008.html. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Recurso Extraordinário 898.450 /SP. Relator Ministro Luiz Fux, Brasília, 17 de agosto de 2016. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=12977132>. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo**. 2006. Tese de Mestrado. [sn].

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria; JODELET, Denise. Normas, representações sociais e práticas corporais. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 44, n. 3, p. 449-457, 2010.

CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C. Conceito mente e corpo através da história. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 39- 43, 2006.

CASTRO, Ricardo Vieiralves de. O quarto de Getúlio: representações e memória na política brasileira. In: SÁ, Celso Pereira de. **Memória, imaginário, e representações sociais**. Museu da República Editora, 2005.

_____, Ricardo Vieiralves de. Prefácio, In. Almeida, Angela Maria de Oliveira; Santos, Maria de Fátima de Souza; Trindade, Zeidi Araújo. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2ªed. 2014.

COSTA, Zeila, **Do Porão ao Estúdio**: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem, Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade federal de Santa Catarina, 2004.

DE ALMEIDA SOUSA, Thiago. CONCURSO PÚBLICO VERSUS TATUAGEM. Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos, v. 9, n. 2, p. 177-193, 2016.

DE VILHENA, Junia; DE VILHENA NOVAES, Joana. **O Corpo que nos Possui**: Corporeidade e Suas Conexões. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DESCARTES, Rcné, (1596-1650). Meditações metafísicas. 2 ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. . **A identidade em psicologia social**: dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. 1910. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf. Acesso em 18 de outubro de 2023.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: Moscovici, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

EXTRA, Jornal. **Tatuagem que apaga sozinha em até 15 meses gera polêmica**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/tatuagem-que-apaga-sozinha-em-ate-15-meses-gera-polemica-25267169.html>. Acesso em: 03 de janeiro de 2024.

FARR, Robert. **As raízes da psicologia social moderna**. Editora Vozes, 6ed. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de hoje**, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011.

FERREIRA, Vitor Sérgio. TATUAR O CORPO JOVEM HOJE: rito de passagem ou ritual de impasse?. **Vivência**, n. 36, p. 137-156, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GALVAO. G, A; ARAÚJO. S, B. Corpo Marcado: Uma história Sobre a Modificação Intencional no Corpo. X Encontro Estadual ANPUH, Pernambuco. 2014.

GASPARIN, Mirian. Mais de 30% da população brasileira é tatuada e 75% têm mais de uma tatuagem, Site Band News. Disponível em: [GLOBO, O. **Mercado de remoção de tatuagens pode crescer 8,5%, diz estudo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2023/08/16/mercado-de-remocao-de-tatuagens-pode-crescer-85-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.](https://bandnewsfmc Curitiba.com/mercado-de-tatuagem-cresce-e-ganha-novo-olhar-dos-empresendedores/#:~:text=Mais%20de%2030%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,t%C3%AAm%20mais%20de%20uma%20tatuagem&text=Quebrando%20barreiras%20e%20tabus%2C%20o,h%C3%A1%20mil%C3%AAnios%2C%20vem%20se%20transformando. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Tradução: Mathias Lambert**, v. 4, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Trad. Antonio Fontoura. Editora antoniofontoura. Curitiba. 2023.

JEHA, Silvana. **A galera heterogênea**. Naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c.1822-c.1854. Tese de Doutorado em História Social – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio. Dourado. Rio de Janeiro. 2011.

_____, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil**: do século XIX à década de 1970. Veneta, 2019.

Jocchelovitch, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & sociedade**, v. 16, p. 20-31, 2004.,

Jodelet, Denise. The representation of the body and its transformations. **Social representations**, p. 211-238, 1984.

_____, Denise. Le corps, la persone et autrui. **Psychologie sociale dès relations à autrui**, p. 41-68, 1994.

_____, Denise. Ponto de vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Temas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 19-26, 2011.

_____, Denise. **Representações sociais e mundos de vida**. 2017.

Le Breton, David. **Adeus ao corpo**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____, David. **Sinais de Identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosotis, 2004.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 2. ed. Petrópolis: vozes, 2007.

Le Goff, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LEITÃO, Débora Krischke. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. **Iluminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 10 (2004), 37 p., 2004.

LIMA, Marisa Mello de. Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, 4., 2013, Goiás. **Anais eletrônicos** [...] Goiás: UFG, 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/5746/2971>. Acesso em: 1 set. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paula: Companhia das Letras, 2015.

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, v. 2, n. 3, p. 294-316, 2013.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2013.

MADFIS, Eric; ARFORD, Tammi. The dilemmas of embodied symbolic representation: Regret in contemporary American tattoo narratives. **The Social Science Journal**, v. 50, n. 4, p. 547-556, 2013.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos**. Rio De Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu, 2018.

MEDEIROS, Cristina Carla Cardoso. Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 281- 300, mar. 2011

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Maruns Fontes, 1999.

MILANEZ, Nilton; DA CONCEIÇÃO FONSECA-SILVA, Maria. Corpo e Escrita: memórias do sujeito e lugares de autoria. **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____, Serge. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. 1ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOTA, Márcia da. Uma introdução ao estudo cognitivo da memória a curto prazo: da teoria dos múltiplos armazenadores a memória de trabalho. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 17, p. 15-21, 2000.

NEUFELD, Carmen Beatriz; STEIN, Lilian Milnitsky. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 18, p. 50-63, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, v. 12, p. 179-206, 2006.

PEREIRA, Marlene Brito de Jesus; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Corpos tatuados: desejo de memória em completude. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 37, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

Portal.anvisa.gov.br [Internet]. Referência técnica para o funcionamento dos serviços de tatuagem e piercing, 2009. Dispõe sobre o funcionamento dos estabelecimentos que realizam procedimentos de pigmentação artificial permanente da pele e inserção de piercing Brasília: Anvisa; 2009.. Disponível em: https://static1.leiaja.com/sites/default/files/anexos/2016/08/03/referencia_tecnica_para_o_funcionamento_dos_servicos_de_tatuagem_e_piercing.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2023

RIO DE JANEIRO, Lei nº 4.388, de 28 de agosto de 2006. Dispõe sobre as condições de funcionamento dos estúdios de tatuagem e estúdios de piercing. Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5125745/4208528/LEIN4388DE28DEAGOSTO DE2006.pdf>. Acesso em 18 de janeiro de 2023.

Sá, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

___, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

___, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Editora Vozes, 2ed, 2002.

___, Celso Pereira de. As memórias da Memória Social. In: **Memória, imaginário e representações sociais**. Editora Museu da República, 2005. p. 121-164.

___, Celso Pereira de. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 8, n. 14, 2012a.

___, Celso Pereira de. Psicologia social da memória: sobre memórias históricas e memórias geracionais. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 46-57b.

___, Celso Pereira de. **Estudos de Psicologia Social**: história, comportamento, representações, memória. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

___, Celso Pereira de. As representações sociais na história recente e na atualidade da Psicologia Social. In: Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Arthur Arruda Leal; Portugal, Francisco Teixeira (Ed.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Nau Editora, 2018.

SÃO PAULO, Lei nº 9.828, de 06 de novembro de 1997. Estabelece proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos, na forma que especifica. Secretaria de Estado de Saúde – Centro de Vigilância Sanitária. Disponível em <https://cvs.saude.sp.gov.br/zip/97le9828.zip>. Acesso em 18 de janeiro de 2023.

Schlösser, Adrian. Tatuagem: representações e práticas sociais. Tese de doutorado, 211f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 166-193, 2000.

SOUZA, Fernando Lucas Garcia. **Tatuagem**: marcas de uma história de (re)significações. 2021. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD.

SOUZA, Fernando Lucas Garcia. **A infame arte da tatuagem**: transformações e ressignificações da prática em contextos urbanos brasileiros. 2018. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD.

SPINK, Mary Jane Paris. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TENNET, James. Which Country Has the Most People With Tattoos? It's Not the U.S. Site Newsweek. Disponível em <https://www.newsweek.com/which-country-most-people-tattoos-943104>. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

TRF, TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 2ª REGIÃO. Tatuagem não impede carreira militar. Justiça federal, 2012. Disponível em: <https://www10.trf2.jus.br/portal/tatuagem-nao-impede-carreira-militar/>, Acesso em 22 de janeiro de 2023.

Trindade, Zeidi Araujo; Santos, Maria de Fátima de Souza; Almeida, Angela Maria de Oliveira. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. **Conselho Editorial**, p. 134, 2014. In. Almeida, Angela Maria de Oliveira; Santos, Maria de Fátima de Souza; Trindade, Zeidi Araújo. **Teoria das representações sociais**: 50 anos. 2ªed. 2014.

TROTTA, Wellington . Estética - conceitos e elementos. **Cadernos Zygmunt Bauman** , v. 11, p. 160-189, 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WANBUGU, Daniel Mania. Which Country's Residents Have The Most Tattoos?. Site World Atlas. Disponível em: <https://www.worldatlas.com/articles/which-country-s-residents-have-the-most-tattoos.html>. Acesso em 20 de julho de 2023.

ANEXO A – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada Representações sociais do corpo tatuado: a visão dos tatuadores, conduzida por Felipe dos Santos Teixeira. Este estudo tem por objetivo identificar e analisar as representações sociais de tatuadores sobre o corpo tatuado.

Você foi selecionado(a) por preencher o critério de seleção para participar da pesquisa: ser tatuador, maior de 18 anos de idade e possuir, no mínimo, 3 anos de experiência. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Não há risco iminente ao participar da pesquisa por se tratar de uma entrevista. Porém, caso o entrevistado sinta desconforto ao responder sobre as perguntas, poderá interromper a entrevista a qualquer momento sem nenhum ônus. Para mitigação dos riscos, serão garantidos o sigilo e a privacidade dos participantes durante todo o processo. A entrevista poderá trazer reflexões e memórias positivas sobre o trabalho do tatuador. Além disso, o estudo contribuirá cientificamente com a literatura e com a identificação de fatores psicossociais relacionados ao tema.

A entrevista poderá trazer reflexões e memórias positivas sobre o trabalho do tatuador. Além disso, o estudo contribuirá cientificamente com a literatura e na identificação de questões psicossociais relacionados ao tema.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder perguntas abertas sobre o tema da pesquisa, realizadas em local que preserve o sigilo das respostas, com duração de aproximadamente 45 minutos e realizadas pelo presente pesquisador.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A entrevista será gravada para posterior transcrição.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso você se sinta prejudicado, o parágrafo IV.3, os itens (g) e (h) da Resolução 466/12 garante os direitos de ressarcimento e indenização (se necessário): "g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes"; e "h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa." Há também base na Resolução 510/16, no Artigo 9, nos itens VI e VII: "VI ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa".

Contatos do pesquisador responsável: Felipe dos Santos Teixeira. Psicólogo, mestrando em Psicologia Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. R. São Francisco Xavier, 524 – Laboratório de Estudos Contemporâneos. felipeteixeira.23@gmail.com. (21) 97637-3776.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, E-mail: coep@sr2.uerj.br — Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome do pesquisador: _____

Assinatura: _____

ANEXO B - Caracterização e roteiro**Caracterização de sujeito**

Idade: _____

Gênero: _____

Cor/Raça: _____

Escolaridade: _____

Religião: _____

Tempo de profissão: _____

Quantas tatuagens possui: _____

Roteiro

- 1- O que você pensa sobre tatuagens?
- 2- O que você acha que leva uma pessoa a realizar uma tatuagem?
- 3- Qual o estilo de tatuagens você costuma fazer e qual que gosta mais?
- 4- Você lembra de algumas histórias marcantes que algum cliente te contou sobre a tatuagem?
- 5- Você conhece alguma pessoa que removeu ou cobriu alguma tatuagem? O que pensa sobre?
- 6- Já realizou ou possui alguma tatuagem que tinha por objetivo dar

destaque ou esconder algo do corpo?

7- Sobre as suas tatuagens, você poderia falar um pouco sobre elas?